

Vera Lucia Mercucci

## **A implantação da Farmácia da DIR I – SES/SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Infecções e Saúde Pública da Coordenação dos Institutos de Pesquisa da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, para obtenção do Título de Mestre em Ciências.

**Área de concentração: Saúde Coletiva**

Orientadora: Profa. Dra. Wilza Vieira Villela.

**São Paulo  
2004**

## Dedicatória

Aos meus pais (*in memoriam*), pela vida!

A todos que trabalham pela efetivação do atendimento homeopático no  
SUS.

À minha médica homeopata Dra. Sonia A B Brito, primeira  
estimuladora, a longo tempo atrás, de meus estudos em Homeopatia e tudo  
mais...

Às amigas, que das formas mais variadas, dançam comigo na roda da  
vida.

À minha irmã e sobrinhas, das eternas querelas e segredos, que me  
estimulam com seus exemplos de força, garra e flexibilidade.

Aos meus sobrinhos, filhos de meu coração, por compartilharem a vida.

## Agradecimentos

Ao longo da trajetória percorrida na realização deste estudo, muitas pessoas foram importantes, algumas contribuindo com o apoio técnico, outras com o carinho fraternal, nos momentos enalacrados do meu processo.

Assim, expresso meus sinceros agradecimentos:

À minha orientadora pela atenção desde o início do trabalho, paciência nos meus difíceis momentos pessoais e estímulo na fase final, sua orientação segura possibilitou que o trabalho chegasse ao seu término.

Aos trabalhadores da farmácia homeopática da DIR I, que me acolheram com carinho e disponibilidade.

Aos usuários, médicos e gestores entrevistados que me ajudaram na reflexão do tema, a partir de suas experiências.

Aos funcionários da Pós-Graduação do Instituto de Saúde, pela atenção e cordialidade.

A duas pessoas especiais que estiveram presentes de modo também especial neste trabalho: Chizuru e Solange, pela ajuda com críticas e sugestões ao texto, pela presença animadora nos períodos difíceis.

À Karen e Cecília, pela ajuda na elaboração do Summary.

À Ud, por suas histórias intrigantes, sua revisão de última hora no texto e na vida, presença estimuladora e de conforto.

Aos meus sobrinhos Adriano e Luciano que partilharam de minhas atrapalhadas com o computador, ajudando a resolvê-las.

A todos, que direta ou indiretamente, possibilitaram a realização deste trabalho.

## Resumo

Mercucci, VL A implantação da farmácia homeopática da DIR I – SES/SP [Dissertação de mestrado] 2004. São Paulo: PPG/CIP/SES-SP.

Este estudo relata o processo de implantação da farmácia pública homeopática da DIR I da Secretaria de Estado da Saúde, bem como sua contribuição para o serviço de homeopatia na rede pública de saúde, da cidade de São Paulo, no primeiro ano de funcionamento. Pretende fornecer alguns subsídios para implantação de projetos similares, em outros serviços públicos.

Descreve as facilidades e dificuldades encontradas pelos executores durante o processo. Evidencia seu custo para a instituição, a sua abrangência nos equipamentos de saúde do município, ou seja, seu alcance junto aos Distritos Sanitários, na malha da capital nas suas diferentes regiões. A produção da farmácia e o envio dos medicamentos aos locais de atendimento, foram verificados e estão devidamente registrados no trabalho.

A pesquisa documental utilizou os arquivos da farmácia e os registros da sua produção. Foram realizadas entrevistas com médicos homeopatas da rede, com usuários que se tratam com homeopatia nos serviços públicos de saúde da cidade de São Paulo, e com os responsáveis pelo processo de implementação da farmácia. As entrevistas revelaram satisfação quanto ao fornecimento gratuito, pelo serviço, dos medicamentos homeopáticos com qualidade e também expectativa quanto ao efetivo funcionamento da farmácia.

Um desdobramento importante que pode advir deste trabalho é o suporte a implementação de serviços assemelhados, para a disponibilidade dos medicamentos aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

**Descritores:** Farmácia, farmácia homeopática; medicamento homeopático / provisão & administração; administração de serviços de saúde / economia; SUS (BR), governo local.

## Summary

Mercucci, VL. The implementation of homeopathic pharmacy of DIR I / SES-SP. [Dissertação de mestrado] 2004. São Paulo: PPG/CIP/SES-SP.

This study describe and relate the process of implementation of a homeopathic pharmacy in a public health care service: DIR I Secretaria de Estado da Saúde (São Paulo) belongs to SUS, as well as the contribution to the homeopathic health care, into the public services, in the first year of life.

It intends to offer subsidies to the formulation of similar projects in others public services.

It describes the different aspects related by managers that became the implementation more difficulty or more easy.

The study shows the cost of this implementation for the institution and how far the medicines went in the great metropolis, São Paulo.

The production of pharmacy and the facilities that received the homeopathic medicines were verified and recorded. For this, was employed the pharmacy files and research in the recorders of its production.

Interviews were carried out with doctors, worker in the health care service, with homeopathic patients in the health network and with managers.

The interviews showed the satisfaction for receiving a good homeopathic medicine, free and the same time, which the homeopathic health care in the public services exist for a long time: 12 or more years ago.

The coming of this work will be support for the implementation of similar services that possibility to access the medicine for clients of SUS.

**Key-words:** Pharmacy, homeopathic pharmacy, homeopathic medicines, homeopathic health care/economics, SUS (BR), local government.

*Nasrudin\* postou-se na praça do  
mercado e dirigiu-se à multidão:*

*“Ó povo deste lugar! Querem conhecimento  
sem dificuldade, verdade sem falsidade,  
realização sem esforço,  
progresso sem sacrifício?”*

*Logo se juntou um grande número de pessoas  
com todo mundo gritando:*

*“Queremos, queremos!”*

*“Era só para saber”, disse o Mullá.  
“Podem confiar em mim, contarei a vocês  
tudo a respeito,  
caso algum dia descubra algo assim.”*

---

\* Mullá Nasrudin – sábio sufi . Há quem diga que nasceu e viveu na Turquia por volta do sec. XIII.  
(Nasr Al-Din, Khawajah, séc. 14. Histórias de Nasrudin, Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1994).

## Índice

Resumo	
Abstract	
Apresentação	
Introdução	
1 – Homeopatia: a arte de curar	7
2 – A pesquisa em homeopatia	5
3 – A homeopatia no Brasil	9
4 – A homeopatia nas Conferências Nacionais de Saúde	19
5 – Os termos que abrigam a prática da homeopatia	23
6 – A operacionalização das propostas das conferências	24
7 – A Homeopatia e sua divulgação	25
Capítulo I – Os medicamentos homeopáticos no SUS	
1 – A oferta do atendimento homeopático no SUS/SP	26
2 – Os medicamentos e o seu custo nos serviços de saúde	31
3 – O acesso aos medicamentos homeopáticos	33
<b>Capítulo II – A Farmácia Homeopática da DIR I</b>	40
Capítulo III – Objetivos	42
1 – Objetivo Geral	42
2 – Objetivos específicos	43
Capítulo IV – Abordagem metodológica	45
1 – Objeto de estudo	45
2 – A coleta de dados	45
3 – Entrevistas	46
3.1 – Sujeitos das entrevistas	47
4 – Análise do Material	48

## Capítulo V – Resultados

1 – O processo de implantação	51
2 – O projeto, as planilhas, o orçamento e a decisão	51
3 – Os materiais obtidos com doações e as aquisições no período	53
4 – A divulgação da farmácia para a disponibilidade de medicamentos	56
5 – O destino dos medicamentos produzidos pela farmácia	57
5.1 – As solicitações dos equipamentos da SES/SP	60
5.2 – As solicitações dos equipamentos municipais de saúde	61
5.3 – As solicitações SUS/SP e extra-SUS na cidade de São Paulo	64
6 – Os valores estimados para a demanda registrada no período	64
7 – A estimativa de custo para a demanda registrada no período	66
8 – A atenção farmacêutica oferecida na farmácia	68
9 – A percepção dos usuários a respeito dos medicamentos homeopáticos e da contribuição da farmácia nesse atendimento	80
10 – A percepção dos gestores e da gerente a respeito do processo de implantação da farmácia	85
11 – A percepção dos médicos a respeito da contribuição da farmácia ao atendimento homeopático	92
Capítulo VI – Discussão	95
Capítulo VII – Considerações Finais	101

## Referências Bibliográficas

## Anexos

## Apresentação

### A homeopatia na vida da pesquisadora

Desde criança ouvia minha avó dizer que antigamente o irmão dela possuía uma caixa de medicamentos homeopáticos com os quais resolvia grande parte dos problemas de saúde do pessoal do sítio, no interior de São Paulo. Ela misturava esta informação com as práticas de utilização de ervas na forma de emplastos ou de infusão, que me eram familiares. Eu me perguntava o que seria Homeopatia.

Na universidade (1969), a disciplina de Farmacognosia desvendou-me parte dos mistérios das ervas, porém só após concluir a faculdade de Farmácia em Goiás e vir pra São Paulo é que um curso sobre noções de homeopatia (1974), respondeu-me a antiga pergunta. Também me maravilhei ao saber que Hahnemann iniciara suas pesquisas com quinino, substância muito familiar devido aos vários anos da infância e adolescência em que 'sofri malária'.

No exercício de minha profissão e no enfrentamento de doenças, que me acometeram e a meus pais, entrei em contato com os procedimentos da medicina contemporânea e a conseqüente utilização de farmacoterapêutica agressiva e práticas invasivas como no tratamento de meu pai, com neoplasia de laringe, sem resultados satisfatórios. E também ao longo de 15 anos, as limitações no tratamento de minha mãe acometida das degenerações crônicas do mal de Chagas. De minha parte, senti os efeitos indesejáveis dos tratamentos farmacológicos da medicina alopática para disfunção hormonal: uma displasia mamária que se complicou com mastíte e secreção mamária, que tratada com hormônios deixou-me com seqüelas importantes. Esses fatos

fizeram-me buscar conhecimento mais acurado a respeito do processo de adoecimento e da recuperação da saúde agravada.

Ao fazer o curso de pós-graduação em Farmacologia (1978) no Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo encontrei as bases para o entendimento das limitações da farmacoterapêutica convencional e também para o desempenho na vigilância sanitária, com que trabalhava desde 1976. Porém, identifiquei um hiato entre este saber, a prática profissional e a minha vivência no trato com as doenças, que me incomodava: a agressividade da farmacoterapêutica alopática.

Isso me incitou a fazer o curso de homeopatia (1984) do “Hospital Homeopático Dr. David Castro”, sob a coordenação do Dr. George Washington Galvão, para conhecer mais a respeito dessa 'técnica e arte de curar' que utiliza método de diagnóstico e medicamentos menos agressivos

Por outro lado, a realização do Curso de Especialização em Saúde Pública (1986) na Faculdade de Saúde Pública da USP e a militância política me aproximaram dos movimentos da área da saúde pública. O conhecimento dessa área trouxe-me algumas respostas quanto aos fatores determinantes das doenças, e ao processo saúde-doença. Com isso consegui estabelecer conexões entre a minha vivência e esse outro olhar sobre o saber, da mesma academia, o que me reconciliou em parte, com a minha formação de farmacêutica e o seu instrumento de trabalho – o medicamento alopático. No Trabalho de Campo de final desse Curso, deparei-me com a situação dos trabalhadores das fábricas de calçados de Franca e o uso irracional de medicamentos, de uma forma chocante! As fábricas possuíam em suas dependências estoques de analgésicos e antieméticos das mais variadas formas que o mercado farmacêutico pode oferecer. Mais do que muitas farmácias da cidade possuíam! Isso chamou minha atenção, pois como trabalhava com vigilância sanitária e visitava farmácias na Capital, tinha a compreensão do que representava aquele estoque em termos de consumo.

Entendi estar diante do maior uso irracional de medicamentos de que já pudera presenciar. A explicação do responsável pelo setor foi de que os funcionários tinham náuseas e dores de cabeça diariamente por causa do manuseio de produtos químicos, tais como a cola, utilizados na fabricação de sapatos. A variedade dos medicamentos ocorria devido ao fato de alguns trabalhadores sentirem-se melhor com um do que com outro produto e também porque alguns fármacos já não faziam efeitos para alguns deles.

Assim, à medida que me apropriava do conhecimento da área, também se aprofundava minha crítica à utilização desse medicamento no contexto da sociedade capitalista, em que a lógica da produção exige do trabalhador sua força de trabalho, único bem que dispõe no processo produtivo. Isso, tanto na saúde quanto na doença e para tal, administrando-lhe medicamentos supressores de sintomas. Estando deste modo sempre apto a produzir, ou ainda, induzindo-o através dos meios de comunicação de massa, a utilizar-se de fármacos substitutos para suprimento de suas carências sociais ou afetivas, cuja raiz se encontra no modo como está organizada a sociedade e não numa falta do indivíduo. Esta última observação ficou bastante evidente na realização de trabalho que coordenei, a respeito da utilização de benzodiazepínicos nos serviços públicos da SES/SP (Mercucci, 1990).

A crítica a medicalização<sup>1</sup>, ou uso irracional de medicamentos evoluiu para a apreensão do conceito do uso racional dos medicamentos<sup>2</sup>, como base para o trabalho, tanto no campo da alopatia quanto da homeopatia.

Os cursos e estágios possibilitaram-me identificar na prática e arte médica homeopática, princípios que me pareceram muito similares aos da saúde

---

<sup>1</sup> Medicalização – fenômeno coletivo próprio das sociedades em crescimento que criam uma raridade do normal, afirmando que este é o melhor. A necessidade do complexo médico-industrial em ampliar seu mercado consumidor leva a uma crescente ‘patologização’ e a um crescente ‘furor preventivista’ de fenômenos considerados normais em outros tempos e sociedades. A medicalização de um número crescente de problemas da vida não constitui apenas um processo individual em que o futuro consumidor de cuidados médicos se convence de que se encontra na anormalidade. (Temporão, 1986; p.18)

<sup>2</sup> Uso racional de medicamentos – condição que requer que ‘os pacientes recebam a medicação apropriada para sua situação clínica, nas doses que satisfaçam as necessidades individuais, por um período adequado, e ao menor custo possível para eles e sua comunidade’. Condição que envolve a prescrição, a dispensação e o consumo (OMS, 1986).

pública. Refiro-me aos postulados a respeito de saúde integral e da abordagem dos indivíduos, considerando a moradia, o ambiente ao seu redor, os hábitos, o trabalho, as ocupações dos momentos de lazer, a alimentação, entre outros, como fatores determinantes no processo de adoecimento e o entendimento do processo saúde – doença. Essas abordagens, do indivíduo integral e integrado ao meio, pareceram-me semelhantes nas duas práticas ao estudar as obras dos representantes dessas áreas do conhecimento: Rosen (1983) e Hahnemann (1995).

A identificação que percebi entre Homeopatia e Saúde Pública agradou-me muito, pois era a primeira vez que encontrava, fora do âmbito desta última, a preocupação com os determinantes sociais do processo saúde – doença. Preocupação esta, de acordo com meus princípios no exercício da profissão como expressão de cidadania, quais sejam, utilizar o conhecimento e a prática profissional como contribuição à construção e efetivação do bem-estar coletivo. Essa concordância na área da saúde, eu procurara em vão durante a pós-graduação em farmacologia e não a encontrara, mesmo quando se tratava de analisar as circunstâncias ambientais e sociais em que se utilizavam os medicamentos.

Ao mesmo tempo, convencia-me a racionalidade da terapêutica medicamentosa homeopática pelo uso de medicamentos diluídos e dinamizados, que não deixam como herança, após o desaparecimento do desconforto ou enfermidade, uma doença medicamentosa, isto é, complicações mórbidas que o tratamento médico inadequado (o método alopático) costuma produzir com emprego prolongado de drogas inadequadas.

Dado que as reações adversas aos medicamentos são uma das principais causas de morte em hospitais americanos: dois milhões de episódios graves e 1000.000 mortes por ano (Lanza,1999), a sua não ocorrência com a Terapêutica homeopática acalmava-me a inquietação

quanto à agressividade dos tratamentos farmacológicos e fundamentava a opção de utilizar a Homeopatia para a manutenção da minha saúde<sup>3</sup> e da saúde dos meus familiares que entenderam e optaram por ela.

Enquanto isso, no âmbito profissional da Vigilância Sanitária presenciava perplexa, vários procedimentos inadequados dos profissionais da área em relação aos estabelecimentos farmacêuticos homeopáticos. Por falta de conhecimento da farmacotécnica homeopática, ocorreram interdições nas farmácias homeopáticas, dos medicamentos homeopáticos Opium CH 30 e Cannabis sativa CH 24, como se fossem entorpecentes, e a autuação desses estabelecimentos por falta de licença para trabalharem com produtos controlados. Deve-se lembrar que a utilização desses medicamentos em homeopatia não se fundamenta nas propriedades entorpecentes da sua matéria prima de origem, pois eles não possuem matéria ponderável naquelas potências, como veremos mais adiante no detalhamento da farmacotécnica homeopática, não podendo, portanto, serem considerados entorpecentes.

Assim, em 1987 participei da proposição e realização de dois cursos sobre noções de homeopatia, destinados aos funcionários do Centro de Vigilância Sanitária, para elucidações a respeito do conhecimento próprio dessa área, especialmente dos seus medicamentos, com a contribuição de professores das entidades formadoras de homeopatas.

Isso me levou primeiramente a integrar um grupo de trabalho, no Centro de Apoio ao Desenvolvimento de Assistência Integral à Saúde (CADAIS), para formulação de proposta de introdução da homeopatia nos serviços públicos da rede estadual de saúde, e, posteriormente, o Grupo Especial de Projetos (GEPRO) de Práticas Alternativas, [1988-1990], responsável pela implantação dessas práticas nesses serviços. Iniciaram-se aí minhas incursões nos porquês de determinadas práticas serem ou não, incorporadas nas políticas de saúde dos serviços públicos, suas dificuldades e limitações.

<sup>3</sup> Gostaria também de assinalar que utilizo a Homeopatia para manutenção da saúde desde 1982.

Por fim, mas de importância primeira, foi a adequação do fato de estar, desde os primeiros momentos de existência da farmácia, envolvida técnica e emocionalmente com a sua implantação, à pesquisa qualitativa que este mestrado me proporcionou desenvolver.

Foi com Schraiber (1997), que se deu esta descoberta:

‘A pesquisa qualitativa é um campo complexo e de difícil delimitação (DENZIN; LINCOLN, 1994), preenchido por estudos muito variados e de referenciais tão distintos como o estruturalismo, a hermenêutica, a fenomenologia, a semiótica, o historicismo crítico, entre outros. A tal ponto é perpassada por paradigmas e escolas de pensamento, que tem sido referida como uma ‘construção de artesão’\*, em que a competência do pesquisador está exatamente nesta capacidade de bem construir. E se há algum elemento que une esta diversidade, a ponto de se poder falar em pesquisa qualitativa de modo genérico, este elemento é tanto a perspectiva de qualificar-se como ciência, quanto a de entender ciência como um dado modo de produzir conhecimento. Para o ponto de vista da pesquisa qualitativa, pois, não há ciência livre de valor, concebendo a própria pesquisa como processo interativo do pesquisador com a realidade que vai estudar’ (Schraiber, 1997).

---

\* Tradução da expressão francesa “bricolage/bricoleur”, como aparece em vários textos.

## Introdução

### 1 – Homeopatia: a arte de curar

Escolhida para introdução deste assunto, os dizeres do Dr. Garth Boericke (1967), médico americano de uma família de vários médicos homeopatas<sup>4</sup>, retratam o pensamento da comunidade médica homeopática.

Assim ele escreveu no ano de 1929:

‘Pode-se definir a Homeopatia como o método terapêutico de semelhança sintomática. No campo médico, pois, a Homeopatia relaciona-se somente com a Terapêutica, isto é, com o tratamento da doença. Além disso, esse tratamento homeopático da doença é ainda limitado pelo uso de preparados farmacológicos, de acordo com certos princípios bem definidos. A relação acima referida é dupla: de um lado, temos um grupo de sintomas que expressam a doença; de outro lado, um grupo de sintomas causados por alguma droga no corpo humano sadio. Admitidos esses dois fenômenos, separados, mas semelhantes, chamam-se eles - correspondência homeopática. A existência duma correspondência homeopática possibilita a cura pelo medicamento homeopático, contanto que a doença seja curável e que a medicação seja dada de conformidade com as regras da prática homeopática’. (Boericke, 1967; p. 17)

---

<sup>4</sup> Garth Boericke foi filho de William Boericke médico, compilador de uma das mais importantes Matérias Médicas de Homeopatia e irmão de Oscar Boericke também médico, que adicionou à obra do pai um repertório.

Na mesma fonte está a explicação do uso da palavra 'arte':

'A palavra 'arte' é aqui usada de caso pensado. Certos ramos da medicina poderiam chamar-se ciências, especialmente a Diagnose, a Medicina Preventiva e a Imunologia. A Terapêutica, entretanto, é ainda arte – e não se poderá dignificá-la chamando-a ciência, exceto em certos campos limitados' (Boericke, 1967; p. 17).

A homeopatia foi desenvolvida por Samuel Hahnemann (1755-1843), médico alemão no final do Século XVIII, a partir do princípio da semelhança já enunciado por Hipócrates, no século IV a.C., com estudos de experimentação e observação clínica e a utilização de medicamentos preparados segundo farmacotécnica específica estabelecida por seu criador.

Seu aspecto filosófico reside na visão vitalista do ser humano, como Hahnemann exemplifica no parágrafo 9º do seu livro O Organon da Arte de Curar:

'No estado de saúde, a força vital de natureza espiritual (autocrática) [imaterial], que dinamicamente anima o corpo material (organismo) reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nas suas sensações e funções, de maneira que o espírito dotado de razão, que reside em nós, pode livremente dispor desse instrumento vivo e são para atender aos mais altos fins de nossa existência' (Hahnemann, 1995 p. 4).

Assim, podemos afirmar que são duas as suas leis básicas: **Lei dos semelhantes** – ‘*similia similibus curentur*’ ou, os semelhantes que se curam pelos semelhantes, – lei natural já observada e interpretada por Hipócrates e Paracelsus. Explicando esta lei: quando na evolução de uma moléstia, se instala ao mesmo tempo, um outro processo mórbido semelhante que interrompe ou cura o primeiro.

A outra lei é o **Vitalismo** já descrito no parágrafo anterior. Dessas leis deduzem-se seis corolários essenciais à sua prática, todos eles contidos no corpo doutrinário de Hahnemann (Galvão Nogueira et al., 1986). São eles:

- **Experimentação no Homem Sadio (São)** – tinturas e medicamentos homeopáticos são administrados a pessoas sãs, conforme a Experimentação Pura<sup>5</sup>. As respostas obtidas constituem as patogenesias dos medicamentos e formam a ‘Matéria Médica Homeopática’ – compêndio de referência para a anamnese homeopática.
- **Individualização** – o conhecimento do indivíduo se faz pela sua caracterização como um todo único, que frente a uma enfermidade reage de modo único, ou seja, se individualiza por sintomas e sinais próprios.
- **Dinamização** – ou princípio das pequenas doses - para atingir, tratar a força vital, dinâmica, imaterial, faz-se uso do poder curativo medicamentoso, também imaterial, dinâmico das drogas, ou seja, altamente diluídas e dinamizadas.
- **O homem total** – visão do Homem num todo indivisível, interação e não soma de partes. Uma patologia é o reflexo de um todo, nele está contida e nunca produto da alteração de uma parte isolada desse organismo.

---

<sup>5</sup> Experimentação Pura – consiste em selecionar uma substância simples ou composta, do reino vegetal, animal, mineral ou de síntese, que tenha sido submetida a processos de laboratório: diluições e dinamizações, e utilizá-la para experimentá-la em grupos de pessoas que estão em boas condições de saúde. Para os procedimentos específicos dessa experimentação. (Boericke, 1967).

- **Medicamento único** – ‘usar uma única droga e anotar os seus efeitos em vez de prescrever múltiplas, cujos efeitos finais podem apenas ser conjecturados (...)’ (Boericke, 1967; p.76).
- **Miasmas** – ‘concepção hahnemanniana da doença quanto à causa, ao contágio e à terapêutica e que abrange tanto a doença crônica quanto a aguda’ (Galvão Nogueira et al., 1986; p. 71).

Esses corolários somando-se às primeiras leis básicas, resultando os oito princípios da Homeopatia.

Segundo Luz, a homeopatia possui características de uma ‘racionalidade médica híbrida, na medida em que incorpora uma dinâmica vital de natureza energética, sem desprezar a fisiologia e a anatomia típicas da medicina moderna’ (Luz, 2003; p. 01).

A homeopatia no mundo tem atualmente seu maior centro de irradiação científica na França,

‘que procura lhe dar o mesmo caminho da Medicina comum: o positivismo científico. Os seus maiores centros de cultura e irradiação vitalistas são o México e a Argentina. No México o grupo dirigido por Sanches Ortega e na Argentina o grupo de Paschero. O país onde ela tem o maior apoio oficial é a Índia, onde é exercida oficialmente pela maior parte dos médicos do governo’ (Galvão Nogueira et al., 1986; p.39).

Acerca do estado da homeopatia no mundo, a revista Prescrire contém em seus números de 41 a 50 de 1985 e 78 de 1988, um minucioso estudo de Jean-Jaques Aulas, Jean-François Royer e Gilles Bardelay (Aulas et al., 1989). Após infrutífera consulta a OMS a esse respeito, os autores resolveram interrogar diretamente os países, considerando aspectos que segundo eles, refletem o

posto ocupado pela homeopatia seja do ponto de vista de sua regulamentação ou de sua inserção sócio-econômica. Estes aspectos são:

1. A posição oficial do Ministério da Saúde a respeito da homeopatia (reconhecimento, tolerância, terapia desconhecida ou não praticada).
2. O estado jurídico dos prescritores e sua formação (médico ou não-médico).
3. A regulamentação do medicamento homeopático.
4. O ensino da homeopatia.
5. As associações (médicas, farmacêuticas ou do público em geral).
6. A existência de publicações para sua divulgação.

Nesse estudo, preenchem os aspectos estabelecidos pelos autores, os países: França, Alemanha, Áustria, Inglaterra, Estados Unidos, Costa Rica, México, Brasil, Chile, Índia, Paquistão, Bangladesh, Srilanka, Nigéria, África do Sul, Lesotho, Swaziland, Zimbabwe. Os outros países investigados preenchendo alguns dos aspectos dispostos pelos autores foram: Itália, Espanha, Grécia, Bélgica, Svezia, Suíça, Noruega, Países Baixos, República democrática alemã, Polônia, Checoslováquia, Rússia, Canadá, Argentina, Venezuela e Colômbia. Com pequena difusão encontraram os países: Marrocos, Tunísia, Israel, Austrália e Nova Zelândia. Dois países não relataram conhecimento a respeito: China e Japão.

## 2 – A pesquisa em homeopatia

A pesquisa em homeopatia, constante da literatura internacional, demonstra a atenção do setor homeopático com a eficácia dos medicamentos e dos tratamentos, como está demonstrado pelo levantamento realizado na base de dados Medlars on Line (MedLine), no período de 1966 a 1989, que trouxe 6026 referências para a busca com a palavra homeopatia mas que incluem as

pesquisas da China com fitoterápicos; 35 referências para as palavras medicamentos homeopáticos e uma referência para a busca com as palavras homeopatia e serviço público.

Nesta mesma base de dados, no período de 1990 a 2003, havia 2313 referências para a busca com a palavra homeopatia, 160 referências para a pesquisa com as palavras medicamentos homeopáticos e nenhuma para homeopatia e serviço público. Refinando a busca, de medicamentos homeopáticos, para língua e países, vieram 27 países: Rússia, Canadá, Estados Unidos da América, Inglaterra, Escócia, França, Espanha, Alemanha, Grécia, com publicações.

Neste levantamento chama a atenção o estudo 'Ensaio Clínicos em Homeopatia' (Kleijnen et al.,1991), que avaliou, com critério de meta-análise, a qualidade metodológica de 107 ensaios controlados em 96 artigos publicados, com o objetivo de verificar a existência de evidência de eficácia da homeopatia através de ensaios clínicos controlados em seres humanos.

Em que pese ser um estudo com metodologia mais apropriada à medicina ocidental contemporânea (biomedicina) embasada no paradigma biomecânico, que se contrapõe ao caráter holístico e naturalista, que fundamentam as terapias não-alopáticas, este estudo demonstra o interesse de comprovação da eficiência ou não dos tratamentos, submetendo-se à ordem, como desejou Novaes (1995).

Segundo (Luz, 1996a), paradigma biomecânico é o: 'adotado pela medicina ocidental, em que o indivíduo humano é concebido como um sistema orgânico, de partes interdependentes, cada qual com sua função no todo, sem um princípio vital que as oriente, seguindo o modelo de um mecanismo, de uma complexa e aperfeiçoada máquina' (Luz, 1996a; p.13). Entendendo-se paradigma como:

'a constelação de crenças, valores e técnicas compartilhadas pelos membros de uma determinada

comunidade científica, resolvendo somente problemas que podem ser verificados e confirmados por um determinado sistema de pensamento' (Kuhn, 1987).

A pesquisa em homeopatia, no pensamento formulado por Luz (2003a), resultado de suas pesquisas ao longo das duas últimas décadas, encontra-se em sua entrevista à revista *Cultura Homeopática*:

'(...) em relação às exigências de cientificidade, elas já se colocavam ao tempo de Hahnemann, e não cessarão de existir enquanto o paradigma científico que se colocou na modernidade não for superado. O marco desse paradigma, baseado em causalidades, leis, determinações, linguagem formal através do método científico etc. impede que determinados olhares e perspectivas disciplinares sejam considerados científicos. A homeopatia é uma dessas disciplinas' (Luz, 2003 a; p.6)

Esse pensar que tem merecido o acolhimento de grande parte dos homeopatas, co-existe com o dos homeopatas partidários da medicina baseada em evidências ou dos estudos epidemiológicos duplo-cego, próprios, da medicina ocidental contemporânea.

A base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), consultada em 18 de janeiro de 2004, apresentou 1219 referências para a palavra homeopatia, 127 para o descritor medicamento

homeopático, 05 para homeopatia e serviço público, e, uma para os descritores: medicamentos homeopáticos e serviço público.

As palavras farmácia homeopática, quando pesquisadas em todas as bases de dados da Biblioteca Virtual da Saúde do Ministério da Saúde, trouxe 12 referências, sendo 11 da base Lilacs e uma do Acervo da Biblioteca da ANVISA. O Medline, os sítios em Vigilância Sanitária (LIS), o Catálogo de Revistas da ANVISA e a base Scientific Electronic Library Online (SciELO), não possuíam referências para esses termos.

A base de dados HomeoIndex, acessada via [www.bireme.com](http://www.bireme.com), em 18 de janeiro de 2004, consultada pela palavra homeopatia, trouxe 2584 referências e pelas palavras medicamentos homeopáticos, mostrou 284 referências, sendo que as áreas de medicina e de farmácia foram as mais atuantes, com 36% e 31% das referências respectivamente. A área de saúde pública aparece nessa base de dados com seis referências.

O Acervo da ANVISA consultado quanto a palavra homeopatia evidenciou duas referências e o do Ministério da Saúde nenhuma. A busca pela palavra medicamento neste último, apresentou três referências, com os descritores: preço, equidade no acesso, economia farmacêutica, política de saúde e qualidade de vida.

Nesta busca, a surpresa foi não haver qualquer título a respeito de homeopatia no acervo do MS e apenas dois títulos na biblioteca da ANVISA, em que pese ser esta Agência reguladora, responsável por estabelecer normas nessa área.

Esta revisão, a respeito do que foi produzido em pesquisa na área de homeopatia nos últimos anos, revela intenso trabalho da área médica, veterinária, farmacêutica e da medicina social-antropológica, ainda mais ao se considerar, que pesquisas nessa área, não recebem quase nenhum tipo de financiamento.

Neste último setor destaca-se o Projeto Racionalidades Médicas desenvolvido no Instituto de Medicina Social da UERJ sob a coordenação da professora Madel T Luz, desde 1991, com distintas fases.

Na primeira fase desenvolveram-se aspectos conceituais e foi elaborado o conceito de racionalidades médicas para comparar os sistemas médicos complexos: medicina ocidental contemporânea (biomedicina), Medicina Tradicional Chinesa, Medicina Ayurvédica e Medicina Homeopática.

Na segunda fase (1995-1998) realizou-se extenso trabalho de campo sócio-antropológico e na terceira fase em andamento, no ano de 1999 procurava-se comparar os serviços de atenção médica com programas de homeopatia ou acupuntura em ambulatórios de medicina convencional. Para maior detalhamento ver Relatórios Anuais (1993 -1998) e a Série Estudos em Saúde Coletiva – IMS/UERJ.

A pesquisa na área da homeopatia tem sido pressuposto para as sugestões de sua inclusão nos serviços de saúde. As discussões e propostas da 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS), ocorrida em 1986, foram subsidiadas por extenso estudo realizado pelo Programa de Educação Continuada da Escola Nacional de Saúde Pública (PEC/ENSP) e editado pela Associação de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (ABRASCO).

Esse estudo cobriu desde a questão histórica até a prática do atendimento homeopático, contemplando as questões de ordem político-institucional e antropológica.

Em 1995 foi publicada uma proposta operacional da Comissão de Saúde Pública da Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB), de implantação de atendimento homeopático na rede pública. (Berardo F. e Moreira G, 1995).

### 3 – A homeopatia no Brasil

A homeopatia foi introduzida no Brasil em 1840, por Jules Benoit Mure, médico francês, amigo do Patriarca da Independência e tutor do imperador D. Pedro II - José Bonifácio, que aqui teve como seu primeiro discípulo, o médico português João Vicente Martins, propagador ao lado de Sabino Pinto, da homeopatia no norte e nordeste brasileiro (Galvão Nogueira et al., 1986).

Os homeopatas fundam a Sociedade dos Irmãos de São Vicente de Paula (os vicentinos) que se multiplica pelo interior do Sudeste principalmente. Distribuem livros homeopáticos e medicamentos aos padres, fazendeiros, professores, bacharéis e comerciantes. Trazem as irmãs de caridade para trabalharem nos ambulatórios, enfermarias e consultórios gratuitos de homeopatia.

Assim, foi utilizada inicialmente para tratamento dos escravos e dos socialmente excluídos, nas Santas Casas de Misericórdia e em consultórios particulares, porém gratuitamente. (Luz, 1987).

Segundo Galhardo (1928), foi Duque Estrada o primeiro médico brasileiro a praticar para alguns casos a homeopatia e no final de 1847 inaugura-se um hospital homeopático sob sua presidência.

Na pesquisa, Benoit Mure, João Vicente e outros realizam experimentos homeopáticos com plantas brasileiras utilizadas com finalidade curativa pelos brasilíndios, publicando a 'Patogenesia Brasileira' com edições nos Estados Unidos (1853) e na Espanha (1859).

A história da homeopatia no Brasil segundo Luz (1996) constitui-se de seis períodos. O **Período de Implantação** (1840 - 1859), da introdução à fundação do Instituto Hahnemaniano do Brasil (IHB), com Benoit Mure e João Vicente polemizando com os representantes da medicina oficial instituída. O **Período de Expansão e Resistência** (1860 - 1882), de um lado com a interiorização

geográfica e aceitação popular da homeopatia, sua utilização nos dispensários das Santas Casas e ordens religiosas e militares e de outro lado sendo cerceada pela Congregação da Faculdade de Medicina da sede do Império. O **Período de Resistência** (1882 - 1900) quando o cerco das instituições médicas como a Academia Imperial de Medicina, e Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Diretoria Geral de Saúde Pública, dirigida por Oswaldo Cruz torna-se mais firme com conseqüente derrota da tentativa de sua implantação oficial. O **Período Áureo** (1900 - 1935) com a criação das Ligas de Homeopatia e a efetivação do seu ensino em Faculdades de Medicina (Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul). O **Período de Declínio acadêmico da homeopatia** (1935 - 1975) quando é considerada não científica, ou medicina superada, do tempo de nossas avós. Apostava-se que o silêncio da medicina oficial hegemônica a seu respeito, a aniquilaria, visto não ter comprovação científica segundo os parâmetros então instituídos pelo saber convencionado. Por fim, o **Período da Retomada social da homeopatia** (1975 - 1990), fase em que a homeopatia é vista como terapêutica alternativa.

A pesquisa e ensino em homeopatia estiveram juntas na formulação das teses que embasaram as propostas de sua institucionalização, como por exemplo, a publicação Textos de Apoio: a questão da Homeopatia (Luz, 1987), para contribuir com a discussão na 8<sup>a</sup>. CNS.

Também foram temas do Encontro da Escola Paulista de Homeopatia (EPH) em dezembro de 2003. Convidada do evento, em sua palestra, Luz (2003a) assim se expressou:

‘A homeopatia faz uma colagem da medicina científica com o paradigma holístico, partindo do ‘buraco’ deixado na terapêutica pela medicina ocidental. Se é assim, não sei porque não se podem criar métodos qualitativos e quantitativos que demonstrem a fundamentação da homeopatia. É

perigoso embarcar nos métodos epidemiológicos que impregnam a medicina ocidental. Podem ser criados protocolos de pesquisa próprios, considerando o paradigma vitalista, desenvolvendo métodos adequados para isso. A homeopatia é uma racionalidade médica<sup>6</sup> e pode comprovar sua eficácia com métodos científicos. Os profissionais da área são médicos e não metafísicos ou ‘terapeutas alternativos’ (Luz, 2003a; p.1).

A palestra do Dr. Milton Lopes, professor de Medicina Interna da UNICAMP e mestre-doutor em clínica médica relatou a experiência do ambulatório de Homeopatia no HC da UNICAMP, em Campinas e da Liga Estudantil de Homeopatia da FCM – Faculdade de Medicina da UNICAMP:

‘O ambulatório teve início em março de 1999, atendendo às terças-feiras pela manhã. O trabalho reserva um espaço para discussão de casos clínicos e suporte ao ensino da Homeopatia. Por enquanto, a atividade se dá ao nível do programa de Introdução à Pesquisa Científica (IPC), matéria curricular onde os alunos têm que escolher uma das ligas que a faculdade oferece através do centro acadêmico. Há várias ligas, entre elas a de Homeopatia, fundada em 2000. Anualmente são recebidos em média 25 alunos, que freqüentam um programa de aulas e seminários, realizados também às terças-feiras, após o ambulatório. Nesses encontros os estudantes têm

---

<sup>6</sup> racionalidade médica – sistema estruturado de cinco dimensões teóricas básicas que incluem uma doutrina médica, uma morfologia (ou anatomia) humana, uma dinâmica vital (ou fisiologia) humana, um sistema diagnóstico e um sistema de intervenção terapêutica. (Luz, 1998; p.5)

contato com as bases fundamentais da doutrina homeopática, com a vida e obra de Samuel Hahnemann, com a farmacopéia e as patogenesias, com algumas matérias médicas e discussão de casos clínicos. Além disso, têm a oportunidade de observar os atendimentos dos médicos que atuam no ambulatório, acompanhando o processo da consulta e semiologia homeopáticas, repertorização, prescrição e evolução clínico-dinâmica. Existe uma procura crescente desde a fundação do programa, sobretudo por alunos dos primeiros anos. Realizamos também um simpósio anual de Homeopatia, com possibilidade de um curso de extensão universitária para o próximo ano. Acreditamos que as informações oferecidas neste programa - por enquanto o único no curso de graduação - possam exercer um efeito multiplicador entre os alunos, esclarecendo a importância da Homeopatia como importante recurso médico-terapêutico na formação médica' (Lopes, 2003; p.2).

A homeopatia foi reconhecida como especialidade médica pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) pela Portaria 1000 de 1980.

Os cursos de especialização e registro de título de especialista na área farmacêutica são regulamentados pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), pelas Resoluções 340/99 e 352/2000, em consonância com os Pareceres do Conselho de Ensino Superior (CES) de número 59/93 e do Conselho Nacional de Educação (CNE) de número 908/98, ambos conselhos pertencentes ao Ministério da Educação (MEC).

Hoje no Brasil, a Homeopatia possui centros de formação e propagação em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Recife. A Associação Paulista de Homeopatia (APH) fez 70 anos, publica a Revista de Homeopatia, de circulação nacional, e propiciou a instituição da Escola Paulista de Homeopatia (EPH) em 14 de dezembro de 2001.

A APH é federada da Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB), que realiza os exames para especialização em homeopatia para médicos, como a Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas (ABFH) o faz para farmacêuticos.

No Rio de Janeiro, além das experiências institucionais, uma Organização Não Governamental (ONG) denominada Homeopatia em Ação pelo Semelhante, atende gratuitamente 80 crianças da creche comunitária do Morro dos Cabritos, em Copacabana, desde 1999. A ONG oferece também 'aperfeiçoamento profissional e treinamento continuado tanto a homeopatas que trabalham na instituição, quanto àqueles já formados e que por ventura, desejam reciclar sua prática' (Bárbara Cotta, 2002; p. 10).

#### 4 – A homeopatia nas Conferências Nacionais de Saúde

A Constituição Federal de 1988 incluiu a saúde no capítulo da Seguridade Social<sup>7</sup> consagrou-a como produto social e estabeleceu as bases legais para a reorientação do Sistema Único de Saúde – SUS.

Para organizar o funcionamento do SUS, foram elaboradas as Leis Orgânicas de Saúde: Lei 8080/90 e Lei 8142/90.

A Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS), sobre as

---

<sup>7</sup> Seguridade Social – conjunto das ações de Saúde, Previdência Social e Assistência Social (Constituição)

transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências, enuncia as funções do Conselho Nacional de Saúde e das Conferências Nacionais<sup>8</sup>:

No período descrito por Luz (1996), como o **Período da Retomada social da homeopatia**, foi realizada de 17 a 21 de março de 1986, em Brasília, a 8ª Conferência Nacional de Saúde, marco referencial para a criação e inclusão do Sistema Único de Saúde (SUS) na Constituição Federal de 1988 (MS, 1988). Foi um momento de retomada da democratização da sociedade brasileira, da sua participação na formulação de políticas e os serviços de saúde ampliavam suas ações na perspectiva de democratizar o acesso aos diferentes sistemas terapêuticos.

Assim, o Relatório Final da 8ª CNS contemplou no item 03 do Tema 2 - Reformulação do Sistema Nacional de Saúde – nas proposições referentes a organização dos serviços, a ‘introdução de práticas alternativas de assistência à saúde no âmbito dos serviços de saúde, possibilitando ao usuário o direito democrático de escolher a terapêutica preferida’, e, nas proposições das políticas de recursos humanos, a ‘inclusão no currículo de ensino em saúde do conhecimento das práticas alternativas’. (MS, 1986; p.4).

Também o Relatório Final da Conferência Nacional de Saúde do Consumidor realizada de 04 a 08 de agosto de 1986 (MS 1986a) contemplou no item 1 - medidas de médio prazo:

‘a inclusão nos currículos dos cursos de nível superior na área da saúde, de conhecimentos

---

<sup>8</sup> ‘Art. 1º. : O Sistema Único de Saúde (SUS), de que trata a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, contará, em cada esfera de governo, sem prejuízo das funções do Poder Legislativo, com as seguintes instâncias colegiadas: I - a Conferência de Saúde; e II - o Conselho de Saúde. § 1º A Conferência de Saúde reunir-se-á a cada quatro anos com a representação dos vários segmentos sociais, para avaliar a situação de saúde e propor as diretrizes para a formulação da política de saúde nos níveis correspondentes, convocada pelo Poder Executivo ou, extraordinariamente, por esta ou pelo Conselho de Saúde. § 2º O Conselho de Saúde, em caráter permanente e deliberativo, órgão colegiado composto por representantes do governo, prestadores de serviço, profissionais de saúde e usuários, atua na formulação de estratégias e no controle da execução da política de saúde na instância correspondente, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, cujas decisões serão homologadas pelo chefe do poder legalmente constituído em cada esfera do governo’.

relativos a práticas alternativas de saúde (Homeopatia, Fitoterapia, Acupuntura, entre outras.) bem como conhecimentos de Saúde Pública introduzindo-se o ensino da Vigilância Sanitária' (MS, 1986a; p.04 ).

Na 9ª. CNS, em 1992 (MS, 1993), as recomendações a respeito das práticas alternativas constaram dos itens:

‘Item 136 – incentivar e proteger o saber popular e incluir as práticas alternativas de saúde na rede pública.

Item 170 – os modelos assistenciais devem desenvolver práticas diferenciadas segundo a realidade local, com garantia de acesso universal, não configurando um sistema simplificado. Devem-se incorporar as práticas alternativas aos serviços de saúde, as tecnologias populares e as ações de promoção de saúde e do prazer coletivo.

Item 286 – inclusão da fitoterapia e outras práticas alternativas nos currículos da área da saúde’ (MS, 1993, p. ).

Na 10ª. CNS, ocorrida em setembro de 1996, o tema foi tratado nos itens:

‘Item 80.2: os gestores do SUS devem estimular e ampliar pesquisas realizadas em parceria com Universidades Públicas que analisem a efetividade

das práticas populares alternativas em saúde com o apoio das agências oficiais de fomento à pesquisa;

Item 286: as Secretarias Municipais de Saúde, com a colaboração técnica e financeira do Ministério da Saúde e das Secretarias Estaduais de Saúde, devem garantir a atenção integral à saúde (...);

Item 286.12: incorporar ao SUS, em todo o país, as práticas de saúde como a fitoterapia, acupuntura e homeopatia, contemplando as terapias alternativas e práticas populares;

Item 351.10: o Ministério da Saúde deve incentivar a fitoterapia na Assistência Farmacêutica Pública e elaborar normas para sua utilização, amplamente discutidas com os trabalhadores em saúde e especialistas, nas cidades onde existir maior participação popular, com gestores mais empenhados com a questão da cidadania e dos movimentos populares' (MS, 1996; p.).

Na 11<sup>a</sup>. CNS, em dezembro de 2000, a questão é reafirmada nas proposições referentes à Atenção Básica (item j): 'incorporar práticas não-convencionais de terapêutica como acupuntura e homeopatia, já reconhecidas formalmente como especialidades médicas pelo Conselho Federal de Medicina'.

Entre as recomendações pertinentes às terapêuticas não oficiais, apareceu a questão do acesso aos medicamentos homeopáticos:

'Item15: Os participantes da 11<sup>a</sup> CNS recomendam com ênfase **a implementação de Programa de**

**Fitoterapia na rede pública**, com regularização do uso de plantas medicinais, garantindo parcerias com universidades para pesquisa e controle de qualidade e sob fiscalização da Vigilância Sanitária. Recomendam criar legislação que facilite a produção e comercialização de produtos fitoterápicos e plantas medicinais e implementar programas de incentivo ao desenvolvimento de projetos de fitoterapia e **outros tratamentos alternativos**, assim como o fomento à implantação de laboratórios fitoterápicos, inseridos dentro da política de assistência farmacêutica do estado. **Consideram fundamental o incentivo às terapias naturais em ações de promoção da saúde**, integrando saberes populares e científicos, no sentido de desenvolver o acesso dos usuários dos serviços a essas práticas. Propõem a implantação de programas de fitoterapia descentralizada para unidades de saúde, escolas e demais instituições nos municípios, através de mecanismos (consórcios), sob fiscalização da vigilância sanitária estadual e em conjunto com assistência farmacêutica, e o apoio dos gestores do SUS à formação de hortas medicinais nos municípios. **Propõem também que seja viabilizada a distribuição e garantido o acesso a medicamentos homeopáticos na rede de saúde**’. (MS, 2001; p. ). (destaque em negrito, da autora)

Em dezembro de 2003, no Encontro da Escola Paulista de Homeopatia, em palestra ali proferida, Luz (2003) lembrou que a homeopatia deu, nos últimos

anos, um grande salto em termos de produção e qualificação de recursos humanos:

‘As querelas e polêmicas dos anos 80, disse ela, deram lugar à pesquisa nos anos 90, o que continua nesse início de um novo século. O que crescerá agora são os métodos de avaliação e a grande vitória no processo de institucionalização homeopática virá com a sedimentação da implantação da homeopatia no SUS e com a inclusão da terapêutica na graduação’. (Luz,2003; p.1)

O próximo Congresso Brasileiro de Homeopatia a realizar-se em 2004 na cidade de Brasília terá por tema ‘Homeopatia, medicina do sujeito e o desafio institucional’, que é para Luz (2003a):

‘uma questão interessante. O saber e a prática clínica homeopática pertencem claramente a uma medicina do sujeito, no caso do sujeito doente. O diagnóstico é o diagnóstico de um sujeito, e o medicamento, terapêutica básica da homeopatia, também o é. (...) A questão do sujeito nos serviços e programas de saúde já é uma discussão forte no campo da Saúde Coletiva. A homeopatia poderia fazer uma discussão profícua do assunto, (...), pois já há campos de aplicação em que a dicotomia sujeito doente X doenças, coletivo X individual está sendo superada’ (Luz, 2003a; p.6 ).

## 5 – Os termos que abrigam a prática da homeopatia

Soares (2000) enumerou os termos que encontrou nas publicações do Brasil: práticas terapêuticas alternativas (Nogueira, 1983; Landman, 1989; Paulo, 1989; Luz, 1993), medicinas paralelas (Pereira, 1993); práticas alternativas (Pires, 1987), (Biocchini e col., 1987), terapias alternativas (Barbosa, 1994) (Luz, 1993); não-biomédicas (Barros, 1998).

Pode-se ainda citar: medicinas não-convencionais (Natalini, 2002)<sup>9</sup>; medicina complementar (Barros, 2002) e o termo indicado por Soares, 2000: práticas terapêuticas não-alopáticas.

A evolução do termo utilizado nas Conferências das décadas de 80 e 90: ‘práticas alternativas’, para o da Conferência de 2000: ‘práticas não convencionais de terapêutica’ seria resultado do processo de reflexão sobre o significado desses termos feito ao longo destas duas décadas?

No entendimento de Luz (1996):

‘o termo: ‘terapêuticas alternativas’ surge na conjuntura dos anos 70, a partir especialmente do movimento estudantil, que se voltava contra o ensino da medicina que àquela época mantinha ligações com a ‘política de saúde da ditadura’ (...) ‘caracterizando um braço alternativo dentro do movimento estudantil médico nem sempre bem aceito pelo seu braço mais forte, ligado às políticas de saúde dos militantes da política’ (Luz, 1996; p.297)

---

<sup>9</sup> Em evento na Câmara Municipal de São Paulo, de iniciativa da Escola Paulista de Homeopatia e do vereador Dr. Gilberto Natalini, para instituição do dia 10 de abril (nascimento de Hahnemann) como o “Dia das Medicinas não Convencionais em São Paulo”. ()

Por sua vez Barros (2000), considera que 'alternativo, significa mais do que uma enunciação verbal quando no contexto da práxis médica', e que ao longo destas últimas décadas, o conceito deslocou-se de sua idéia original como descrita por Luz, para:

'Uma lógica antitética – 'ora um, ora outro'. No interior dos processos sociais será substituído por outras formulações discursivas permitindo reconhecer que a idéia (conceito) de alternativo vai sendo substituída pela idéia (conceito) de complementar e/ou interativo' (Barros, 2000; p.19).

O emprego do termo 'práticas não convencionais', na 11<sup>a</sup>. CNS parece ser decorrente desta reflexão sobre o significado desses termos ao longo dessas duas décadas.

Neste trabalho, optou-se pelos termos práticas alternativas de saúde, pela sua tradição de uso e conseqüente popularização entre os profissionais de saúde e população e, práticas terapêuticas não-alopáticas, em concordância com as justificativas de Soares (2000).

## 6 – A operacionalização das propostas das conferências

As propostas aprovadas nas CNS tiveram parte de sua operacionalização assegurada pelo disposto na Resolução CIPLAN no. 04 de 08-03-1988 (MPAS 1988) para: 'implantar e implementar a prática da homeopatia nos serviços de saúde' e pela Deliberação 81/89 da Comissão Interinstitucional de Saúde (CIS)/SP (SES, 1989) que aprovou as 'Diretrizes Gerais para o Atendimento em Homeopatia'.

O Núcleo de Atendimento e Pesquisa em Terapias Alternativas (NAPTA) do Escritório Regional de Saúde da Penha (ERSA – 04), que funcionou do fim da

década de 80 a início dos anos 90, parece ter sido expressão da organização institucional mais complexa neste sentido, no Estado de São Paulo: possuiu médicos homeopáticos, acupunturistas e uma farmácia homeopática com um setor que produzia fitoterápicos e atendia além da demanda do Núcleo, as solicitações do Hospital Infantil Cândido Fontoura.

Na rede municipal, foi realizado concurso para médico homeopata e aquisições descentralizadas de medicamentos homeopáticos constantes de lista padronizada nas regiões onde havia atendimento (SMS, 1995).

Apesar das reiteradas proposições nas diversas Conferências Nacionais de Saúde, a introdução das práticas alternativas nos serviços públicos de saúde é ainda bastante tímida, como demonstram as Estatísticas de Saúde: Assistência Médica - Sanitária, (IBGE, 2000) que registra a oferta da homeopatia, acupuntura e similares como especialidades na área assistencial em 148 estabelecimentos de saúde do país, sendo 35 da esfera administrativa pública e 113 da esfera privada, representando apenas 0,30% do total de 48.815 estabelecimentos identificados na estatística.

## 7 – A Homeopatia e sua divulgação

A presença da questão da Homeopatia, especialmente quanto aos medicamentos, pode ser exemplificada no número 28 (setembro-outubro/2001) da revista *Pharmacia Brasileira* (CFF, 2001), que destinou treze páginas para relatos de experiências brasileiras da área de homeopatia no serviço público, e, no seu editorial formula a questão: 'Por que o SUS não abre o devido espaço à Homeopatia?'

O XIII Congresso Paulista de Farmacêuticos e V Seminário Internacional de Farmacêuticos, realizado em São Paulo de 17 a 20 de maio de 2003, contou

com uma mesa-redonda e três palestras na área de homeopatia (CRF/SP, 2003).

O primeiro Congresso Brasileiro de Farmácia, também realizado em São Paulo de 01 a 04 de outubro de 2003, ofereceu aos participantes variados temas a respeito de Homeopatia, distribuídos em dois cursos, um simpósio, quatro mesas redondas, dois painéis e três palestras (CFF, 2003).

A presença da Homeopatia nesses eventos é provavelmente reflexos da demanda que usuários e profissionais, interessados nessa prática, estão fazendo nos distintos setores em que atuam.

Em 2002, foi instituída pela Câmara Municipal sob orientação do vereador Gilberto Natalini, o dia das Medicinas não Convencionais em parceria com a APH, em que a homeopatia teve grande destaque, o que não a fez ser incluída na lei nº 13.717, de 08 de janeiro de 2004, que dispõe sobre a implantação das terapias naturais na secretaria municipal de saúde<sup>10</sup>:

Terá sido porque a homeopatia não mais foi considerada natural? Ou por ser Medicina não foi incluída entre essas outras práticas? Deixa de ser considerada como alternativa natural, na norma, mas não se oficializa na instituição do SUS, embora reconhecida como especialidade pelo Conselho Federal de Medicina.

---

<sup>10</sup> Art. 1º. – Fica o Poder Executivo Municipal incumbido da implantação das Terapias Naturais para atendimento da população do Município de São Paulo.

§ 1º - entendem-se como Terapias Naturais todas as práticas de promoção de saúde e prevenção de doenças que utilizem basicamente recursos naturais; § 2º - dentre as Terapias Naturais destacam-se modalidades, tais como: massoterapia, fitoterapia, terapia floral, acupuntura, hidroterapia, cromoterapia, aromaterapia, geoterapia, quiropraxia, ginástica terapêutica, iridologia e terapias de respiração.

## Capítulo I – Os medicamentos Homeopáticos no SUS

### 1 – A oferta do atendimento homeopático no SUS/SP

A oferta do atendimento homeopático nos serviços públicos de saúde no município de São Paulo parece ter ocorrido de forma descontínua, como resultado da iniciativa individual ou de grupos de médicos e gerentes dos serviços, apesar de seu respaldo legal.

A lei Orgânica do município de São Paulo, no Título VI – Da atividade Social do Município – Capítulo II – Da saúde (Art.212-218), dispõe a respeito:

‘Art. 216 - Compete ao Município, através do sistema único de saúde, nos termos da lei, além de outras atribuições:

I - a assistência integral à saúde, utilizando-se do método epidemiológico para o estabelecimento de prioridades, instituição de distritos sanitários, alocação de recursos e orientação programática;

V - participar da fiscalização e controle da produção, armazenamento, transporte, guarda e utilização de substâncias e produtos psicoativos, tóxicos e teratogênicos, bem como de outros medicamentos, equipamentos imunobiológicos, hemoderivados e insumos;

**Parágrafo único - O serviço de atendimento médico do Município poderá oferecer ao usuário, quando possível, formas de tratamento de**

**assistência alternativa, reconhecidas**'. (destaque em negrito da autora)

O estudo de Pustiglione (1998) indica as experiências do passado mais recente no estado de São Paulo mediante:

'Relatos de homeopatas de longa prática (que) testemunham iniciativas individuais, muito oficiosas: Alfredo Di Vernieri, Diretor do Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (SAMDU), introdutor da homeopatia nesta instituição. Alfredo Castro e Arthur Rezende Filho responsáveis pelo atendimento homeopático no Hospital Sorocabano (1947 – 1967). Anna Kossak utilizou a terapêutica homeopática (1962 – 1972) nos Postos de Saúde de Vila Bancária e Parque da Lapa' (Pustiglione, 1998; p.40).

Esse estudo registra o atendimento oficial com homeopatia no Hospital do Servidor Público Municipal até 1972 quando foi interrompido, (o autor não faz referência à data de início) sendo retomado em 1984; o projeto desenvolvido desde 1981, por Mario Costa Sposati, no Centro de Saúde Escola da Barra Funda<sup>11</sup> e a assistência em/com homeopatia do Núcleo de Atendimento e Pesquisa em Terapias Alternativas (NAPTA) do Escritório Regional de Saúde-04 (ERSA – 04) situado na Penha, em fins da década de 80 e início de 90.

Também retrata a movimentação dos profissionais da área, expressa nos grupos de trabalho e seminários realizados a respeito como: a Comissão

---

<sup>11</sup> A experiência encontra-se detalhada no artigo Atendimento Homeopático no Centro de Saúde da Barra Funda S.P. – uma contribuição à Atenção Primária à Saúde (Sposati et al., 1989).

Regional de Implantação de Práticas Alternativas de Saúde do INAMPS – SP em janeiro de 1986; o Seminário ‘Medicina e Cura’ em agosto de 1986; o Grupo Especial de Projetos (GEPRO) de Práticas Alternativas da SES/SP em outubro de 1987; o ‘Encontro Interinstitucional de Homeopatia’, realizado em novembro de 1987, em que foram expostos: o programa do INAMPS, o resumo histórico da homeopatia na SES/SP, a experiência do CSE Barra Funda.

É de destaque, nesse evento, o relato do representante do GEPRO, anunciando a existência de 14 unidades envolvidas com o atendimento, com dezesseis médicos homeopatas atendendo e seis farmácias credenciadas para o fornecimento de medicamentos homeopáticos.

Também o ‘Encontro Municipal de Saúde’, que ocorreu em dezembro de 1989 e apresentou a experiência da Administração Regional de Saúde-07 (ARS-07) da zona norte, com dezessete homeopatas atendendo em cinco unidades da rede municipal de saúde, afirma a expansão da homeopatia no âmbito dos serviços municipais de saúde naquela década.

A Deliberação 81/89 da CIS/SP (SES, 1989), culminou essa movimentação do setor, e, pode-se dizer que foi resultado da organização dos profissionais interessados que se reuniam para discutir as diretrizes para o atendimento, as propostas para padronização de prontuário e trocar experiências clínicas. Estes profissionais tiveram suas demandas encaminhadas aos níveis de decisão da SES/SP, pelo GEPRO de Práticas Alternativas do CADAIS.

Os farmacêuticos homeopatas foram estimulados a refletir a respeito da inserção do atendimento homeopático nos serviços públicos e a sua relação com as farmácias homeopáticas de natureza privada para o fornecimento do medicamento aos usuários do SUS.

Assim, a deliberação da Comissão Interinstitucional de Saúde (CIS), contém também as diretrizes para o atendimento incluindo a forma de aquisição,

mediante convênios, dos medicamentos homeopáticos, nas farmácias homeopáticas da iniciativa privada.

Nas reuniões para discussão técnica, a respeito de qualidade e dos requisitos legais, para funcionamento das farmácias homeopáticas, originaram-se as primeiras propostas de padronização de procedimentos na área de medicamentos homeopáticos, que pôde subsidiar o trabalho da Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas na construção do Manual de Normas Técnicas para Farmácia Homeopática (ABFH, 1992).

O estudo realizado por Moreira Neto (2001), no período de novembro de 1994 a dezembro de 1996, no Centro de Saúde Escola 'Geraldo Paula Souza' da FSP/USP – SES, demonstra ser vantajosa a relação custo/benefício do atendimento homeopático tanto para os pacientes quanto para a instituição:

'De um total de 532 consultas foram solicitados exames complementares em 17 delas, que correspondem a 3,2% do total. Uma solicitação de exames para cada 31,3 consultas realizadas. Segundo a tabela de honorários do SUS de 1995/96, o custo total com exames complementares no período foi de R\$ 256,64 (duzentos e cinqüenta e seis reais e sessenta e quatro centavos), com uma média de R\$ 0,50 (cinqüenta centavos) para cada consulta realizada. Foram feitos 13 encaminhamentos para outros profissionais e/ou serviços, perfazendo uma média de 01 encaminhamento para cada 41 consultas realizadas. (Moreira Neto, 2001; p16).

Moreira Neto finaliza sua dissertação enfatizando que:

‘Os dados obtidos neste trabalho: resolutividade clínica com poucos exames laboratoriais solicitados, índice de encaminhamentos e custo medicamentoso baixos, podem ser indícios para que as autoridades médicas do país demandem uma maior atenção ao estudo da Homeopatia como uma complementação médica aos serviços de saúde’ (Moreira Neto, 2001; p.17).

No ano de 2001, a Secretaria Municipal de Saúde (SMS 2001) publicou o edital para concurso público para provimento de cargos vagos de médico – Classe I de várias especialidades, incluindo Homeopatia, mas até hoje, em diferentes locais do serviço público, o atendimento homeopático parece ser realizado na sua maior parte, por médico efetivo ou contratado como especialista em pediatria, ginecologia, clínica médica, entre outras.

Apesar de ser uma prática antiga nos serviços públicos, a sua implantação oficial tem sido rodeada de dificuldades, o desmantelamento de serviço implantado numa gestão e suprimido noutra, sem justificativa ou quando muito descrita como de ordem política. (Frode, 2001).

Quanto ao medicamento, esses profissionais reservam o direito de sugerir ao usuário a aquisição nas farmácias privadas de sua confiança.

## 2 – Os medicamentos e o seu custo nos serviços de saúde

Os medicamentos são insumos de custo elevado constituindo cerca de 36 % dos gastos totais com materiais nos serviços hospitalares em São Paulo no ano de 1997, conforme os Indicadores Econômico-Financeiros do Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar (PROAHSA, 1998).

Sendo o acesso aos medicamentos de fundamental importância para a efetividade dos tratamentos que necessitam farmacoterapia, especialistas da área de medicamentos da OMS, há tempos chamam a atenção para esta questão:

‘O aumento exagerado nos custos de muitas tecnologias de saúde e as crescentes pressões nos orçamentos de saúde da maioria dos países tem exigido a avaliação econômica das intervenções em saúde incluindo a área de medicamentos’.  
(Velásquez, 1999; p.24).

Isso faz ressonância com a afirmação de Lanza (1999), que:

‘Mais de um terço da população do mundo ainda não têm acesso a medicamentos realmente essenciais. A proporção é preocupante nos países em desenvolvimento onde mais da metade dos habitantes não têm acesso a medicamentos essenciais’ (Lanza, 1999; p.3).

Os dados do Brasil registram os recursos federais empregados pelo Ministério da Saúde na Assistência Farmacêutica Básica no período de 2001 a 2002, como da ordem de R\$ 1.409,46 milhões (executado). Incluindo-se os dois grupos de medicamentos de maior custo: os anti-retrovirais que foi da ordem de

R\$ 515,50 milhões e os de alto custo que contribuíram com R\$ 440,00 milhões na composição deste total. (Machado-dos-Santos,2002).

Estas cifras corroboram a assertiva de Laporte (1989) de que:

‘A medida do gasto econômico com medicamentos tem sido utilizada há muito tempo, sobretudo pelos sistemas públicos de atenção à saúde, como indicador para a elaboração de orçamentos e a contenção dos gastos’ (Laporte, 1989; p.101).

O estudo de Ullmann (1995), sanitaria americano, citando relatório da Seguridade Social Francesa de 1991, mostra que o serviço médico homeopático custou naquele ano, aproximadamente 50% do valor do serviço médico convencional. O valor dos medicamentos homeopáticos foi menos que um terço, do valor dos medicamentos alopáticos. O Hospital Homeopático de Bristol, na Inglaterra, que atende 3.000 pacientes ao ano, teve um custo total da farmácia de US\$ 23,000.00. O custo médio da prescrição foi de US\$ 5.13, incluindo as despesas de pessoal. Considerando apenas o custo direto do medicamento, este valor diminuía para US\$ 2.50, atingindo, no mínimo, 40% menos do que o necessário para ressarcir qualquer outro tipo de medicamento na Inglaterra.

Também no Brasil, esses valores são bem menores conforme demonstra o estudo de Moreira Neto (2001):

‘O custo total de medicamentos em dois anos de trabalho foi de R\$ 1.537,08 (um mil, quinhentos e trinta e sete reais e oito centavos) segundo a tabela praticada pela farmácia de referência (conveniada) do serviço. Este custo refere-se às 532 consultas realizadas, perfazendo uma média de R\$ 2,89 (Dois reais e oitenta e nove centavos) para cada uma das

consultas realizadas (U\$ 1,00 = R\$ 1,20)'. (Moreira Neto, 2001; p. 16).

As práticas terapêuticas não-alopáticas de saúde, além de se constituírem numa ampliação da oferta do serviço de saúde, utilizam insumos de menor custo que os fármacos industrializados utilizados pela terapêutica instituída, possibilitando aumentar o número de usuários com possibilidade de acesso a tratamento farmacoterapêutico.

São insumos empregados nas práticas terapêuticas não-alopáticas: agulhas para acupuntura, ervas sob a forma de pó ou rasuras para chás, extratos fitoterápicos e medicamentos homeopáticos, entre outros.

### 3 – O acesso aos medicamentos homeopáticos

A assistência integral inclusive farmacêutica nos serviços públicos de saúde está assegurada na Lei 8080/90 conhecida como a Lei Orgânica da Saúde no seu (Artigo 6º.), assim, ao implementar os serviços de saúde com homeopatia, os medicamentos integrantes da prática homeopática, devem ser oferecidos.

Compreende-se por Assistência Farmacêutica o grupo de atividades relacionadas com o medicamento, destinadas a apoiar as ações de saúde demandadas por uma comunidade. Envolve o abastecimento de medicamentos em todas e em cada uma das suas etapas constitutivas; a conservação e controle de qualidade; a segurança e a eficácia terapêutica dos medicamentos; o acompanhamento e a avaliação da utilização; a obtenção e a difusão de informação sobre medicamentos e a educação permanente dos profissionais de saúde, do paciente e da comunidade para assegurar o uso racional de medicamentos. (MS, 1998).

Os medicamentos homeopáticos no serviço público têm sido obtidos de diferentes formas, como descreve César (2001), ou seja, mediante '(...) convênio informal com farmácia próxima ao Centro de Saúde', como foi o caso do Centro de Saúde Escola Geraldo Paula Souza – CSE da SES/SP ou de '(...) convênio formal e documentado com a farmácia.. ', no exemplo do Centro de Terapia Alternativa, do Posto de Saúde Municipal Agostinho Neto, em Itu, ou ainda: '(...) fornecendo medicamentos gratuitamente através de farmácia conveniada, que dista cerca de oito quadras', como ocorre no Ambulatório Municipal de Homeopatia de Campinas.

A dispensação dos medicamentos homeopáticos, segundo (César 2001), ocorre de vários modos: '(...) dispensação dos medicamentos centralizada ou entregue ao paciente após dois ou três dias', no caso do Programa de Fitoterapia e Homeopatia da Prefeitura de Ribeirão Preto; '(...) fornecimento gratuito à população atendida, ocorrendo no local, após a escolha da farmácia ter ocorrido por licitação pública', no Centro Homeopático de Saúde Pública de Dourados em Mato Grosso do Sul.

A dispensação, um dos componentes da Assistência Farmacêutica, é o ato do farmacêutico de orientação e fornecimento ao usuário de medicamentos, insumos farmacêuticos e correlatos, a título remunerado ou não, conforme a Resolução 357 do CFF (CFF, 2001; p.7).

Também a manipulação, i.e., o preparo ou fabricação de medicamentos homeopáticos faz-se presente nas experiências relatadas por César, 2001: '(...) o serviço conta com manipulação de medicamentos, realizado por farmacêutica contratada' como o Serviço de Saúde do Escolar das Secretarias Municipais de Educação e Saúde de Santo Amaro da Imperatriz em Santa Catarina.

Na bibliografia consultada (CFF, 2001), (Pustiglione, 1998), (Moreira Neto 1998), (Cesar, 2001), (Mendicelli, 1994), (Frode, 2001) e (Garbi, 1996) é a tese de doutoramento de Cesar (2001), que traz o maior detalhamento a respeito da inserção dos medicamentos homeopáticos na assistência, mas como os outros

estudos, não tem por objetivo informar sobre os custos de implantação ou da produtividade de uma farmácia do serviço público.

Esses estudos registram a inserção do medicamento homeopático sob o prisma do fluxo, da diversidade das prescrições e da importância de sua disponibilidade para a realização do tratamento.

O acesso aos medicamentos homeopáticos tem sido apontado como fator essencial na implementação dessa prática nos serviços de saúde, como foi o caso do Programa de Práticas Não-Alopáticas da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, descrito por Soares (2002):

‘... o medicamento tinha que ser adquirido pelo usuário, o que nem sempre era possível pela falta de recursos financeiros. Essa situação resultou em uma série de reclamações tanto por parte do usuário como por parte dos médicos e causou repercussões para o desenvolvimento do Programa. Para a farmacêutica homeopática, membro da Coordenação, o medicamento era uma peça fundamental no processo de consolidação do Programa e a dificuldade de aquisição do mesmo foi o ponto de estrangulamento da proposta, tendo sido apontado pelos médicos como uma das causas de abandono do tratamento de alguns usuários...’  
(Soares, 2000; p. 60).

O programa teve dificuldades em realizar as licitações para aquisição ou contratações de farmácias para fornecimento dos medicamentos homeopáticos por se tratar de ‘(...) uma situação completamente nova na área de aquisição de medicamentos, que foi a demanda de formulações homeopáticas e medicamentos antroposóficos’. (Soares, 2000; p.60).

A garantia de qualidade para os medicamentos homeopáticos deve e só pode ser feita durante o processo de sua preparação, posto que não há como se identificar no produto final da manipulação, qualquer traço da substância inicial. Isto requer o cumprimento rigoroso dos procedimentos da farmacotécnica homeopática, das boas normas de preparação e de criteriosa seleção, aquisição e controle das matérias primas, que irão compor e resultar no medicamento homeopático.

Para esclarecimento a respeito dessa última afirmação, segue-se a caracterização e elaboração dos medicamentos homeopáticos por Garbi (2000):

‘Os medicamentos utilizados em homeopatia são muito variados e as matérias primas que lhes dão origem são muitas vezes comuns a outras terapias tais como a fitoterapia e a própria alopatia. O que diferencia, então, o medicamento homeopático é a forma de preparo bastante especial e seu uso sempre pelo princípio da semelhança. Portanto, as substâncias utilizadas para preparo dos medicamentos homeopáticos não provêm somente de plantas como ainda pensam alguns, embora elas sejam utilizadas em grande quantidade, pela sua abundância na natureza como pelo conhecimento acumulado durante séculos acerca dos vegetais’ (Garbi, 2000; p.59).

Exemplifica seu relato a esse respeito, com medicamentos homeopáticos importantes provenientes das plantas, tais como *Nux vomica*, *Arnica montana*, *Pulsatilla nigricans*, *Lycopodium clavatum* (considerado inerte pela escola alopática, mas que se revelou um medicamento muito potente quando dinamizado); do reino animal, como a *Apis mellifica* (feito a partir de abelha

européia), *Lachesis muta* (do veneno da surucucu), *Sepia succus* (da tinta da lula) e do reino mineral que com seus metais, sais orgânicos e inorgânicos, origina medicamentos como *Aurum metallicum* (ouro), *Natrium muriaticum* (sal marinho), *Petroleum* (petróleo), *Glonoinum* (pólvora).

A elaboração dos medicamentos homeopáticos ocorre a partir dessas matérias primas, segundo a farmacotécnica própria da homeopatia descrita por Hahnemann (1995), que consiste inicialmente em preparar com elas a Tintura-Mãe (TM). O termo técnico 'Tintura' pode ser explicado como 'Álcool ou éter carregado por maceração ou lixiviação dos princípios ativos de uma ou diversas substâncias de natureza vegetal, animal ou mineral' [Aurélio – 1ª. ed. - 9ª. reimpressão]. Hahnemann (1995) descreve nos parágrafos 267, 268 e 269 do Organon, a forma de obtenção das tinturas mães, a partir das diferentes substâncias, que servirão como matéria prima, para a preparação dos medicamentos homeopáticos.

Em seguida, com uma parte da TM, são efetuadas sucessivas diluições, cada uma delas acompanhada de agitação específica, as sucussões. A Sucussão é um movimento vertical, seguido de choque (batidas) sobre um anteparo, pouco elástico, firme e flexível, feito com o frasco, de vidro transparente, cheio até 2/3 de sua capacidade, com a substância diluída. O número de sucussões a que é submetida cada solução diluída é dependente da farmacotécnica proposta. Hahnemann (H) propõe que sejam 100 vezes o número de sucussões entre uma diluição e outra, ou seja, entre a anterior e a próxima. Ao final deste procedimento diz-se que a substância está dinamizada, isto é, foi-lhe conferido um dinamismo pela agitação de suas moléculas, conseqüência do movimento seguido de choque, a que foi submetida a solução em que está contida.

O processo a que é submetida a substância medicamentosa denomina-se dinamização (dynamus, [grego] = força) e constitui-se de um conjunto de diluições sucessivas sempre intercaladas com as sucussões.

(diluição+sucussão). O seu resultado ou produto é, portanto, o medicamento dinamizado que é: 'imensuravelmente e penetrantemente eficaz, mesmo os que em estado cru, isto é, *in natura*, sem qualquer preparo, não dão provas da menor ação medicamentosa sobre o corpo humano', como está descrito no parágrafo 269 do Organon. (Hahnemann, 1995; p. 144).

Na escala de diluições centesimais, proposta por Hahnemann, a primeira diluição, denominada CH 1, é feita com uma parte de tintura-mãe para 99 partes de solvente (água-alcool) e dinamizada com 100 sucussões. Escalas são proporções utilizadas no preparo das diluições: 1mL de soluto para 10mL de solvente, ou seja, 1:10 é a escala decimal (D). Sendo a proporção 1:100, a escala é centesimal (C) e na proporção 1:1000 tem-se a escala milesimal (M). Em homeopatia utiliza-se também a escala 50 milesimal (LM).

As dinamizações sucessivas são feitas na mesma proporção e do mesmo modo sempre a partir da diluição imediatamente anterior. O número de vezes em que o processo de dinamização ocorreu durante a elaboração do medicamento indica a potência do medicamento homeopático.

A partir da 12<sup>a</sup> dinamização (CH 12), já não há matéria identificável pelos aparelhos de detecção existentes<sup>12</sup> para análise de medicamentos. A quantidade de substância presente no medicamento, i.e., sua concentração, é menor que o número de Avogadro<sup>13</sup>.

O valor monetário dos medicamentos homeopáticos é determinado pela potência dos mesmos, independente da tintura-mãe que os originou, pois indicam mais trabalho e matéria-prima incorporados na sua produção. A potência é parte integrante do nome do medicamento nas prescrições médicas homeopáticas.

---

<sup>12</sup> Aparelhos de laboratório para análise quanti e qualitativa de substâncias: Espectrometria e Fluorimetria por Absorção Atômica e Ressonância Magnética.

<sup>13</sup> Número de Avogadro – é uma constante fundamental da física atômica, por conjugar as características macro e microscópicas de um sistema. É o número de moléculas contidas em uma molécula-grama de qualquer substância (moléculas/mol). Seu valor é  $6,02252 \times 10^{23}$  (Enciclopédia Mirador Internacional, 1990).

Para maior entendimento do conceito de potência em homeopatia, pode-se estabelecer um paralelo com os medicamentos alopáticos que são conhecidos pelo seu nome químico seguido da concentração (quantidade) do princípio ativo existente na forma farmacêutica (comprimidos/suspensões, etc) com que são apresentados, e dizer que o medicamento homeopático é conhecido pelo nome do elemento mineral, vegetal ou animal que lhe deu origem, seguido da letra referente à escala de diluição e do número de vezes em que foi diluído e submetido a succussões, ou seja, dinamizações com que foi preparado. Exemplos: *Acido acetilsalicílico 100mg comprimidos* (alopático) e *Nux vômica CH 06 glóbulos* (homeopático).

À guisa de exemplo, consideremos o preparo da *Nux vomica* CH 06, um medicamento originado da planta desse mesmo nome – neste caso são utilizadas suas sementes – de onde também se extrai o veneno estriçnina.

Inicialmente é feita uma tintura; dela se faz uma primeira diluição na proporção de 1:100, ou seja, 1mL de tintura diluído em 99mL de solução hidro-alcoólica a 70%.

Sendo esta diluição feita numa escala centesimal, usa-se a letra C à frente do nome da planta, e sendo a farmacotécnica utilizada, aquela proposta por Hahnemann, usa-se a letra H após a letra C, o que resulta a sigla CH. Da solução resultante da primeira diluição (C1) é retirado 01 mL que após diluído para 100 mL em solução hidro-alcoólica é submetida a 100 succussões resultando na *Nux vômica* CH 01.

O processo é então repetido mais cinco vezes resultando a *Nux vômica* CH 06 e diz-se que a *Nux vômica* está na potência seis.

Um medicamento originado de uma mesma substância pode ser apresentado em diversas potências, constituindo uma outra apresentação, ou do ponto de vista homeopático, um outro medicamento.

## Capítulo II – A Farmácia Homeopática da DIR I

Segundo dados apresentados em palestra proferida no 1º. Curso da Coordenadoria de Vigilância em Saúde da SMS, em outubro de 2003, na SMS/SP, pela farmacêutica responsável pela área de medicamentos dessa coordenadoria, existem em São Paulo, 2.945 drogarias, 539 farmácias e 85 farmácias homeopáticas.

Não foi possível obter esses dados junto ao Centro de Vigilância Sanitária e nem ao Conselho Regional de Farmácia, órgãos pertinentes de regulamentação e vigilância, por não estarem disponíveis à consulta pública.

Uma farmácia homeopática no serviço público pode garantir a disponibilidade do medicamento homeopático com qualidade para o atendimento, a valores menores que possibilitem a ampliação do acesso a ele?

Como foi a implantação da Farmácia Homeopática da DIR I? O processo exigiu decisão política e administrativa? Como foi a disponibilidade de equipamentos, e de recursos financeiros e humanos? Qual foi sua contribuição para o atendimento homeopático na cidade de São Paulo?

Essas são algumas das perguntas que orientaram a elaboração deste estudo.

A Farmácia Homeopática da DIR I foi inaugurada em maio de 2001 no Ambulatório de Especialidades de Pinheiros da Secretaria de Estado da Saúde (SES), pelo Ministro da Saúde, que ali participava do lançamento da campanha de imunização dos idosos contra a gripe.

O Ambulatório de Especialidades de Pinheiros, à época da implantação da farmácia, estava sob a administração do Núcleo Regional de Saúde 01 (NRS - 01) com área de abrangência do bairro Morumbi (zona sudoeste) ao bairro de

Pirituba (zona noroeste). Essa área engloba os bairros do Cambuci, Pari, Lapa, Pinheiros, Butantã entre outros, incluindo o Centro da cidade.

Existem na área, 29 equipamentos de saúde sendo 15 Unidades Básicas de Saúde, 03 Centros de Saúde Escola, 08 Ambulatórios de Especialidades, 02 Centros de Atendimento Psiquiátrico e o Instituto Clemente Ferreira (tisiopneumologia sanitária).

A implantação da farmácia parece ter sido fruto da gestão junto aos níveis centrais e regionais da SES, de uma funcionária componente do extinto GEPRO de Práticas Alternativas, estrutura organizacional da SES/SP de 1987 até meados da década de 90. Seu trabalho técnico e interesse para encontrar os materiais remanescentes de uma farmácia homeopática que existiu no Escritório Regional de Saúde do bairro da Penha (ERSA – 04), zona leste da cidade de São Paulo, associado a sua disponibilidade parecem ter sido fundamentais para a efetivação dessa implantação.

Também parecem ter sido relevantes a vontade e a decisão político-administrativa da gerente da unidade e da diretora do Núcleo 01, instância hierárquica superior à unidade.

Essa farmácia, portanto, tem suas raízes no projeto implantado em fins da década de 80: o Núcleo de Atendimento e Pesquisa em Terapias Alternativas (NAPTA) do ERSa – 04 da SES/SP, que funcionou até meados da década de 90. Após seu desativamento parece que os materiais da farmácia ficaram encaixotados no CS Belenzinho até 2001, de onde foram transferidos para a instalação da farmácia atual, da DIR I.

Apesar da existência de profissionais homeopatas, para a anamnese e prescrição, o atendimento homeopático sofre um estrangulamento no que se refere ao acesso ao medicamento, não estando disponível no local da consulta.

Poderá a farmácia superar esta situação? A proposta colocada para a farmácia foi a preparação dos medicamentos homeopáticos, tanto para

constituição das caixas de medicamentos, como para o aviamento de receitas na própria farmácia.

A caixa de medicamentos ou caixa básica de medicamentos para homeopatia – é um pequeno estoque de medicamentos homeopáticos para consultório médico solicitados pelos médicos homeopatas. Tem base na Relação de medicamentos homeopáticos constantes da Deliberação 81/89 da CIS/SP e são destinados à entrega aos usuários, imediatamente após a consulta, no próprio local onde esta se realizou.

O aviamento de receitas constitui-se da manipulação na farmácia, de uma fórmula da prescrição médica, seguida de um conjunto de orientações adequadas, para um paciente específico, conforme a Resolução no. 357 do Conselho Federal de Farmácia (CFF, 2000).

O custo é um importante fator nas decisões de implementação de políticas públicas, por isso procurou-se evidenciar o custo de implantação e funcionamento dessa farmácia homeopática do serviço público.

A economia com aquisição de fármacos para os cofres públicos, com provável ampliação do acesso a medicamentos, que pode advir com a produção própria dos medicamentos homeopáticos, também foi um pressuposto neste estudo.

## Capítulo III – Objetivos

### 1 – Objetivo Geral

Relatar o processo de implantação da farmácia pública homeopática do Ambulatório de Especialidades de Pinheiros da DIR I da Secretaria de Estado da Saúde e a sua contribuição, no (seu) primeiro ano de funcionamento, para o serviço de homeopatia na rede pública de saúde da cidade de São Paulo, buscando fornecer subsídios para implantação de projetos similares em outros serviços públicos.

### 2 – Objetivos específicos

- Descrever o processo decisório para a implantação da farmácia, identificando as suas facilidades e limitações.
- Apresentar os gastos da instituição com reformas e adaptações do espaço físico para a instalação da farmácia.
- Identificar a procedência das matérias-primas, materiais, utensílios e equipamentos da farmácia, e os gastos com a sua obtenção.
- Identificar e caracterizar os trabalhadores da farmácia.
- Identificar as facilidades e limitações do processo de divulgação da farmácia junto aos médicos homeopatas e os usuários dos serviços públicos de saúde.
- Identificar o destino dos medicamentos pela dispensação no balcão da farmácia ou para compor as caixas de medicamentos.

- Identificar a percepção dos usuários e dos médicos homeopatas dos serviços públicos de saúde a respeito da importância da farmácia para o atendimento homeopático.
- Identificar a percepção dos gestores e gerente a respeito das facilidades e dificuldades para a tomada de decisão no desencadear do processo de implantação.
- Identificar a percepção dos gestores e gerentes a respeito das facilidades e dificuldades na obtenção dos recursos materiais e humanos necessários para o funcionamento da farmácia.

## Capítulo IV – Abordagem metodológica

Para atingir os objetivos propostos pelo estudo realizou-se pesquisa documental junto a fontes primárias, como os registros, arquivos da farmácia e documentação administrativa do equipamento onde está instalada a farmácia.

Complementarmente, realizaram-se entrevistas com profissionais e usuários envolvidos com a implementação da farmácia ou com a utilização dos medicamentos visando conhecer sua percepção do processo.

### 1 – Objeto de estudo

O objeto de estudo é o processo de implantação e funcionamento no seu primeiro ano, da farmácia homeopática instalada no Ambulatório de Especialidades de Pinheiros da DIR I (Divisão Regional de Saúde I – SES/SP), área que corresponde à cidade de São Paulo.

### 2 – A coleta de dados

A pesquisa foi feita utilizando a documentação da farmácia, referente a sua organização, sistematização de seus materiais e os registros do atendimento de sua demanda.

O acesso a essa documentação foi possível pela aquiescência das responsáveis por sua guarda, mediante solicitação a elas, num contato informal, na própria farmácia.

Foram fotocopiados ofícios, memorandos e propostas e a partir desse material, construídas planilhas para melhor visualização e análise dos dados.

Com a mesma finalidade os recursos materiais e humanos foram identificados, relacionados e agrupados a partir da documentação referente à instalação e funcionamento da farmácia no seu primeiro ano: notas fiscais, recibos de transferências e de doações, ofícios e memorandos.

A produção em termos de unidades manipuladas e dispensadas pela farmácia no período citado foi compilada e caracterizada a partir das solicitações de caixas de medicamentos para os locais de atendimento homeopático e do livro de registro da produção e dispensação das receitas atendidas. Essa documentação possibilitou a construção das tabelas 02 e 06.

O atendimento foi descrito pela caracterização dos profissionais e usuários que receberão os medicamentos na própria farmácia, bem como das unidades de saúde para onde foram enviadas as caixas de medicamentos produzidas.

### 3 – As Entrevistas

A técnica de entrevista utilizada foi a semi-estruturada com roteiro pré-definido de perguntas abertas nos Anexos A, B e C. Acrescidas de frases estimuladoras, retiradas do assunto abordado pelo entrevistado, para potencializar o seu depoimento, quando necessário.

O local da entrevista foi definido por escolha dos entrevistados, de acordo com a facilidade e disponibilidade deles.

O tempo de duração das entrevistas foi em média de 40 minutos, tanto para os profissionais de saúde quanto para os usuários. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Assim, pareceu esclarecedor entrevistar gestores do serviço, em que estava inserida a farmácia homeopática, médicos responsáveis pelo atendimento homeopático e usuários do serviço. Foram entrevistados os gestores, para se conhecer a percepção deles a respeito das facilidades e dificuldades do processo decisório e da obtenção de materiais e recursos humanos necessários a essa implantação. Os médicos homeopatas para se capturar a percepção deles a respeito da contribuição dessa farmácia no atendimento médico homeopático. E finalmente, os usuários para se apreender a percepção que têm a respeito da importância ou do papel dessa farmácia no atendimento homeopático.

Os profissionais de saúde foram inicialmente contatados por telefone em seus locais de trabalho, ou pessoalmente em eventos promovidos pela SMS. Os usuários foram abordados na sala de espera da unidade de saúde e entrevistados em sala disponibilizada para esse fim, enquanto esperavam.

Os contatos, as entrevistas, gravações e transcrições foram feitos pela pesquisadora.

Os entrevistados foram informados da finalidade deste estudo e da possível contribuição para a efetivação deste serviço na rede de saúde pública, do direito de se recusarem a participar sem nenhum prejuízo de seu atendimento.

Após a leitura do Termo de Livre Consentimento (Anexo D), assinaram concordando com a utilização das informações, mantendo o anonimato, nesta dissertação de mestrado.

#### 4 – Sujeitos das entrevistas

As duas gestoras entrevistadas ocupavam a época da implantação, os cargos de Direção do Núcleo 01 e do Ambulatório de Especialidades de Pinheiros o que possibilitou relatar o processo decisório pessoal. A gerente é a farmacêutica responsável pela farmácia e detentora do conhecimento específico utilizado na implantação.

Os quatro médicos homeopatas entrevistados atendem com homeopatia em unidades de saúde: Centro de Saúde Escola Geraldo de Paula Souza (zona oeste), Centro de Saúde Belenzinho (zona leste), Centro de Saúde Bosque da Saúde (zona sul) e Ambulatório de Especialidades Tito Lopes (zona leste).

O critério de seleção dos médicos depoentes ocorreu considerando o envolvimento de longa data desses profissionais com o atendimento homeopático nos serviços públicos de saúde e assim, o conhecimento aprofundado que possuem da situação estudada e confiança que inspiram em seus pontos de vista.

Os seis usuários dos serviços foram definidos a partir de sugestão dos médicos homeopatas selecionados como depoentes.

## 5 – Análise do Material

As fontes consultadas e os dados documentais obtidos serviram a distintos propósitos como está descrito a seguir.

Os gastos constantes das planilhas de custo arquivadas na farmácia, referentes à reforma e adequação do local são apresentados com o intuito de evidenciar o custo da instalação física da farmácia para a instituição.

As notas fiscais ou equivalentes, como recibos de doações ou de transferências, para obtenção do mobiliário, equipamentos e utensílios – material permanente da farmácia, e da matéria prima homeopática foram compiladas para demonstrar o investimento feito para possibilitar o seu funcionamento.

A documentação de registro da produção, da distribuição e da dispensação dos medicamentos homeopáticos pela farmácia, em seu primeiro ano de funcionamento, foi organizada sob forma de tabelas para melhor descrição da:

- a) produtividade da farmácia (tabela 02);
- b) atenção farmacêutica mediante aviamento das receitas (tabela 06) e
- c) do atendimento dos equipamentos da rede do SUS, que fizeram requisições de medicamentos homeopáticos na forma de caixa de medicamentos.

Os dados das planilhas de produção da farmácia organizados na tabela 02 possibilitaram calcular o custo dos medicamentos ali produzidos. Esses dados foram transformados em valores financeiros (tabela 05) possibilitaram um exercício de comparação com os valores de mercado (tabelas 04 e 04-a).

Também possibilitaram o exercício de estimativa da economia possível advinda com a produção própria em relação à obtenção dos medicamentos homeopáticos no mercado.

Cada solicitação encaminhada à farmácia foi examinada quanto a sua procedência, profissional solicitante, tipos de medicamentos quanto a sua potência, quantidade, pedido de frascos vazios e esterilizados ou com solução hidro-alcoólica para o fracionamento e existência de acréscimos à relação oferecida pela farmácia e constante das diretrizes da deliberação da CIS/SP de no. 81/89 (SES, 1989).

As entrevistas foram analisadas considerando as questões dos roteiros constantes dos Anexos A, B e C, tendo sido lidas e relidas, procurando-se as identidades entre elas, dentro do grupo específico (usuário, médico ou gestor).

Nas entrevistas dos médicos homeopatas (Anexo B), procurou-se identificar como eles percebiam a inserção da farmácia, enquanto componente do atendimento homeopático na rede pública de saúde. Outro aspecto buscado nesta análise foi a questão dos preços dos medicamentos para os usuários versus a importância da distribuição gratuita pela farmácia e se estariam os médicos, atentos para esta questão tanto quanto os usuários.

Nas entrevistas das gestoras e da gerente da farmácia, de acordo com o roteiro (Anexo C), pretendeu-se identificar as facilidades da implementação desta farmácia, nos aspectos administrativos, financeiros e de recursos humanos.

Também se buscou identificar a participação desses dois grupos de profissionais em projetos similares anteriores, ou a sua percepção a respeito, com isso pretendendo-se esboçar o pano de fundo do processo decisório ou o contexto em que se desenrolou a tomada de decisão.

Nas entrevistas com usuários, de acordo com o roteiro (Anexo A), buscou-se perceber a experiência efetiva que eles tiveram com a obtenção dos medicamentos homeopáticos e a percepção, enquanto experiência sensorial que ganhou significado ou sentido (Gould, 1964), a respeito da farmácia

homeopática, sua importância no contexto do atendimento de cada um, ou seja, se houve melhora (ou não) na obtenção dos medicamentos.

Procurou-se também a evidência de identidade entre os usuários de distintas regiões da cidade, quanto ao tempo que se tratam pela homeopatia, a forma como conheceram o serviço e a de conseguir o medicamento.

O interesse em conhecer a percepção que o usuário tem a respeito da farmácia procura estabelecer sua legitimidade e tornar possível a comparação com os dados encontrados por outros autores a respeito desta questão, por exemplo, Mendicelli (1994), que descreve a importância desse conhecimento do ponto de vista farmacêutico, quanto a credibilidade que lhe é atribuída e entende que havendo 'escolha correta do medicamento pelo médico, utilização adequada pelo paciente e preparação criteriosa pelo farmacêutico, (as) opiniões sobre o tratamento refletem, indiretamente, opiniões sobre o medicamento' (Mendicelli, 1994; p. ).

## Capítulo V – Resultados

### 1 – O processo de implantação da farmácia

Nesse estudo considerou-se como processo de implantação da farmácia, as fases ou etapas: de elaboração do projeto; de apresentação e discussão das planilhas do orçamento para reforma das instalações e sua adequação para funcionamento da farmácia; a decisão dos gestores dos níveis local e central a que se subordina a farmácia; a obtenção de matéria-prima, materiais e equipamentos para a produção dos medicamentos e a divulgação da existência da farmácia aos médicos homeopatas da área de abrangência do Núcleo Regional de Saúde – 01.

### 2 – O projeto, as planilhas, o orçamento e a decisão.

De acordo com os documentos consultados e fotocopiados: I, II e III do Anexo E, e com a entrevista da gerente do projeto, a respeito dessa implantação, foram três as propostas encaminhadas aos níveis de decisão do SUS/SP.

- A primeira em agosto de 1999, para a implantação da farmácia homeopática no CSE Geraldo de Paula Souza, por possuir ‘em pleno funcionamento um serviço de atendimento em homeopatia, que disponibilizará os medicamentos aos pacientes do próprio CSE e também para os pacientes SUS da Região Metropolitana’.
- A segunda, em novembro de 1999, reiterando a proposta inicial e detalhando o atendimento que a farmácia teria, mediante uma caixa básica de medicamentos homeopáticos, que seria disponibilizada às

unidades com atendimento homeopático, nas áreas de abrangência dos Núcleos 01 e 04, Sendo o Núcleo 04, o doador dos materiais e utensílios da farmácia do extinto Núcleo de Atendimento e Pesquisa em Terapias Alternativas (NAPTA) do Escritório Regional de Saúde da Penha, situado na área de abrangência do Núcleo 04.

- A terceira encaminhada em janeiro de 2000, possuía em anexo o desenho (croqui) e o orçamento para reforma e adequação da sala 05 do Ambulatório de Especialidades de Pinheiros, para a instalação da farmácia.

O orçamento apresentado para a reforma dessa sala, de modo a adequá-la para farmácia homeopática, contemplou as questões referentes às necessidades de hidráulica, elétrica e alvenaria, bem como as de marcenaria para instalação de uma bancada medindo 2,80m de comprimento, 0,60m de profundidade e 0,90m de altura.

A bancada foi destinada à área de trabalho e para suporte de uma cuba de inox (lavatório), uma estufa de secagem para esterilização de materiais e do destilador de água, equipamento indispensável na farmácia.

Também foi instalada uma mesa para manipulação com prancha auxiliar para máquina de escrever e de um balcão para a porta de entrada.

Esse orçamento, que foi executado, teve o valor de R \$ 5.152,34 (cinco mil cento e cinqüenta e dois reais e trinta e quatro centavos).

Incluiu peças complementares como módulos gaveteiros medindo 1,65m x 2,45m x 1,45m (altura), com dois tamanhos diferentes de gavetas, duas banquetas, lixeira com tampa, suportes metálicos, ventilador e luminária para teto. Também constaram desse orçamento, a supervisão e coordenação da obra.

### 3 – Os materiais obtidos com doações e as aquisições no período.

O Ofício de no. 191/00 de 12/12/2000 da direção da unidade de saúde CS I Belenzinho, colocou à disposição da diretoria técnica do NRS – 01: ‘todo o material utilizado na manipulação de medicamentos homeopáticos da nossa extinta farmácia de homeopatia’, conforme documento IV (Anexo E).

Este documento também certifica a origem do material e a sua condição de não patrimônio da Unidade referida, pois são classificados, no âmbito dos serviços públicos, como materiais de consumo.

Esse ofício possui em anexo a relação dos materiais disponibilizados com 60 itens de material de laboratório (vidraria) para uso na manipulação, 15 itens de materiais para acondicionamento (envase ou embalagem) dos medicamentos.

A relação contém também três itens de matérias-primas (glóbulos inertes e álcool), seis livros de Homeopatia e 196 medicamentos homeopáticos em diversas potências, totalizando 4.349 frascos, que estavam acondicionados num gaveteiro plástico com 196 gavetas.

Outros materiais e matérias-primas necessários à implantação e funcionamento da farmácia, que foram adquiridos pela instituição, estão arrolados na tabela 01.

Outros materiais e matérias-primas necessários à implantação e funcionamento da farmácia, que foram adquiridos pela instituição, estão arrolados na tabela 01.

Os dados desta tabela podem servir para estimativa da quantidade de material necessário, numa situação de demanda semelhante à ocorrida no período estudado. Estes dados também foram utilizados como base para os cálculos apresentados na estimativa da tabela 05.

**Tabela 01** – Matérias-primas, materiais de consumo e utensílios adquiridos para a farmácia e seus valores em reais, no período de maio/2001 a dezembro/2002.

Material	Quantidade	Valor (reais)
Glóbulos inertes	220 quilos	2 458,00
Cânulas de vidro nariz 30 mL	1 000	71,00
Frasco âmbar 10mL com tampa de rosca	1 330	186,20
Pote plástico opaco de 30 g para creme	200	86,00
Frasco âmbar 05mL com tampa-batoque	2 000	397,00
Frasco âmbar 20mL com tampa de rosca	14 976	969,09
Tampas plásticas pretas	5 000	29,00
Cânulas de vidro nariz 06cm	3 000	148,83
Frasco 2200ml c/tp plástica branca	01	0,87
Etiquetas ink-jet	01caixa c/ 2 700 etiquetas	25,77
Repipetador de 20mL em frasco de 1000mL	01	199,00
Proveta graduada de 1000ml	01	26,34
Essências Florais de Bach (fr 30 mL)	01 frasco	43,20
Essências Florais da Califórnia	09 frascos	285,10
Folha de alumínio 7,5m x 30cm	02 rolos	2,76
New Bag médio 27x31	03 pacotes com 08 unidades cada	8,97
Conhaque Domecq	04 litros	43,92
Toalha papel Snob com 02 unidades	05	8,90
Água Mineral Prata	05 garrafas	6,30
Frasco âmbar 30ml com tamp/rosca	624	87,36
Cânula de vidro nariz no. 2060	2 000	160,00
Cânula de vidro nariz no. 3070	2 000	166,00
Total		5 409,01

Segundo a entrevista da farmacêutica gerente do projeto, os insumos e os materiais foram devidamente examinados quanto a sua integridade, e selecionados para comporem o estoque das matérias-primas, destinadas a preparação dos medicamentos homeopáticos, ou para incorporarem-se aos utensílios da farmácia.

**Tabela 1-a** – Documentos, respectivas origens e valores dos materiais adquiridos pela farmácia homeopática da DIR I de maio de 2001 a dezembro de 20002.

<b>Documentos</b>	<b>Origem</b>	<b>Valor</b>
NF 057848	Casa Americana	225,34
NF 042031, NF 039 874 e NF 040 130	H&N Produtos Naturais	461,20
NF 11473	Essências Florais Com.Imp. Exp.	285,10
NF 023267	Futurama Supermercado	70,85
NF 039559, 043617, NF 043669, 044209, NF 045276, 049171, NF 049524 e 050836.	Frascolex	3.044,75
NF 318162	Kalunga	25,77
NF 0488	Globulus Inertis Hom. Ltda	1.296,00
<b>Total</b>		<b>5.409,01</b>

Parte desse material foi utilizada como complementação à recebida como doação da farmácia desativada do antigo ERSA – 4, sendo utilizada no período de estudo, e, parte constituiu-se em estoque para uso futuro.

Os funcionários da farmácia, duas farmacêuticas e dois auxiliares, são estatutários, tendo sido re-alocados para essa atividade por adesão ao projeto, após avaliação das respectivas chefias a respeito dessa possibilidade.

#### 4 - A divulgação da farmácia para a disponibilidade de medicamentos

Em princípio de março de 2001 foi enviado, às unidades de saúde sob gerência do Núcleo 01, um formulário (documento V do Anexo D), para identificação das especialidades dos médicos que nelas atendem.

A solicitação detalhava a respeito da especialidade em homeopatia, isto é, se o médico possuía formação em homeopatia; exame na Associação Brasileira de Médicos Homeopatas (ABMH); se ele gostaria de atender com homeopatia e ainda como ele achava que deveria ser esse atendimento: se complementar ao tratamento alopático; como uma alternativa a mais; ou, se dependeria do caso.

De acordo com a gerente do projeto, esse levantamento destinou-se ao conhecimento da potencial clientela da farmácia.

A consolidação das respostas ao formulário revelou a existência de vinte e oito médicos com formação em homeopatia, em doze equipamentos de saúde: seis ambulatórios de especialidades e seis unidades básicas de saúde.

Nove desses médicos estavam atendendo com homeopatia, ou seja, um terço, o que indicava a possível clientela para a farmácia.

Segundo a gerente, a inauguração da farmácia foi precedida do envio de comunicação e convite para todos os cinco Núcleos da DIR I (Capital) e da comunicação telefônica aos médicos, já clientes da farmácia. A partir daí, a divulgação ocorreu de modo informal, ou seja, um falando para o outro.

Em junho de 2002 o Instituto de Saúde, órgão da SES/SP, juntamente com o Centro de Formação dos Trabalhadores da Saúde (CEFOR) e a Coordenadoria da Gestão Descentralizada (Cogest), os dois últimos pertencentes a SMS/SP, realizaram o encontro 'Homeopatia na cidade de São Paulo' com o objetivo de construir uma proposta de atendimento homeopático para a cidade, em que:

'participaram 54 profissionais: dois farmacêuticos, 46 médicos clínicos, ginecologistas ou pediatras com formação em homeopatia, que atendem esporadicamente com a especialidade e quatro enfermeiras, um sociólogo e um odontólogo que estavam em cargos de supervisão ou gerenciais' (Pascalichio A e Mercucci VL, 2002; p. 138).

O evento possibilitou a divulgação das atividades da farmácia, sua gerente lá estava oferecendo as informações a respeito da farmácia e dirimindo dúvidas dos participantes a respeito das solicitações de medicamentos e seu fluxo dentro das instituições: SMS e SES componentes do SUS na cidade de São Paulo.

Em dezembro de 2002, a área temática de Assistência Farmacêutica do COGEST fez um comunicado (Documento VI do Anexo D) à rede municipal, a respeito da disponibilidade da farmácia para o atendimento das necessidades de medicamentos homeopáticos.

O reflexo desse comunicado evidencia-se nas datas e número de solicitações de medicamentos que aportaram à farmácia, o que pode ser constatado na tabela 06: seis unidades se reportaram a farmácia nos primeiros sete meses e quinze unidades no período de janeiro de 2002 a janeiro de 2003.

## 5 – O destino dos medicamentos produzidos pela farmácia

Observando-se as solicitações oriundas dos distintos locais com atendimento homeopático é possível visualizar a abrangência do atendimento da farmácia e dimensionar seu alcance.

As solicitações foram feitas de acordo com a relação de medicamentos homeopáticos integrante da Deliberação 81/89 da CIS/SP, elaborada em consonância com a proposta dos médicos homeopatas do serviço público baseados em sua prática profissional e constituída por 85 itens. Destes, 82 podem ser fornecidos nas potências CH 06, CH 12, CH 30, CH 100 e CH 200 e três itens apenas na CH 30.

Os acréscimos efetuados pelos solicitantes à relação oficial foram de medicamentos antroposóficos, comumente disponibilizados nas farmácias homeopáticas, que são preparados segundo a farmacotécnica homeopática e utilizados pelos médicos homeopatas que também têm formação em Antroposofia; ou de fitoterápicos, isto é, medicamentos preparados com tinturas ou extratos de plantas medicinais incorporados a unguentos, pomadas ou xaropes, de uso tradicional ou da medicina popular.

A Antroposofia segundo Lanz (1990) e Milanesi (1997), é ‘ a sabedoria do homem’, não sendo apenas antropologia, mas sim uma ciência do Cosmo, tendo por centro e ponto de apoio, o Homem. Foi fundada e estruturada por Rudolf Steiner (1861-1925) como Ciência Espiritual Antroposófica ou Antroposofia. Sua terapêutica utiliza medicamentos homeopáticos com pequenas alterações.

A Medicina popular segundo a Organização Mundial de Saúde (1978), pode ser entendida como a soma de conhecimentos teóricos e práticos, explicáveis ou não, utilizados para diagnóstico, prevenção e tratamento de transtornos físicos, mentais e sociais baseados exclusivamente na experiência e na observação, transmitidos verbalmente, ou por escrito, de uma geração à outra.

Maiores elucidações a respeito das duas práticas mencionadas acima, consultar as citações, uma vez que não são objetos desse estudo.

As caixas de medicamentos homeopáticos, com quantidades de medicamentos para vários atendimentos são constituídas a partir das solicitações dos médicos homeopatas, de unidades onde os próprios especialistas dispuseram-se a dispensar os medicamentos aos pacientes, no

próprio consultório ao final da consulta, realizando o fracionamento do medicamento em doses, quando necessário. Os medicamentos da caixa são de uso comum dos médicos da unidade.

A tabela 02 mostra de forma detalhada, quais potências foram solicitadas pelas diferentes instituições e a quantidade de frascos solicitados para cada uma delas, portanto, a quantidade produzida para atendimento das caixas de medicamentos, nesse período pela farmácia.

**Tabela 02** – Número de vezes em que a potência foi solicitada e de frascos, no período de maio/2001 a janeiro/2003, segundo a instituição solicitante.

<b>Local</b>	<b>SMS/SP</b>	<b>SES/SP</b>	<b>Extra SUS</b>	<b>Total</b>
<b>Potência</b>	Número de vezes / frascos	Número de vezes / frascos	Número de vezes / frascos	Número de vezes / frascos
CH 03			01 / 10	01 / 10
CH 06	1 349 / 9 275	166 / 436	16 / 160	1 531 / 9 871
CH 12	850 / 6 892	82 / 157	01 / 10	933 / 7 059
CH 18	106 / 777	49 / 129		155 / 906
CH 24	36 / 36	40 / 40		76 / 76
CH 30	914 / 6 639	118 / 302	03 / 03	1035 / 6971
CH 100	251 / 934	19 / 51		270 / 1085
CH 200	462 / 1 631	79 / 242		541 / 1873
LM IV		14 / 36		14 / 36
LM V		03 / 03		03 / 03
LM VI		03/03		03 / 03
<b>Total</b>	<b>3 968 / 26 184 +350frs(8ml) +70frs(20ml) +200frs(5ml)</b>	<b>573 / 1 499 +200fr(8ml) +100fr(20ml) c/ sol.álcool. 30%</b>	<b>21 / 210</b>	<b>4 562 / 27 893 +550fr(8ml) +200fr(5ml) +170fr(20ml)c/ sol. álcool. 30%</b>

As solicitações contemplaram também frascos vazios esterilizados ou com solução alcoólica a 30% usados para fracionamento dos medicamentos.

O fracionamento tem como objetivo de fornecer ao paciente o medicamento que ele necessitar, na dose prescrita pelo médico. A dose pode ser constituída de cinco glóbulos, que são colocados no frasco vazio, para uso como dose única, ou no que contém a solução alcoólica, onde se dissolvem, constituindo o medicamento líquido, para uso também em dose única, ou em várias doses, conforme a prescrição médica estabelecer.

As diferentes potências dos medicamentos homeopáticos foram consideradas como medicamentos distintos, como é de praxe em homeopatia, e, assim utilizadas para os fins de cálculos, somatórias e estimativas neste estudo.

Como foi visto no Capítulo I, as potências, à semelhança do que se faz com as concentrações dos medicamentos alopáticos, podem ser consideradas como sendo as diferentes 'apresentações' do medicamento.

## 5.1 – As solicitações dos equipamentos da SES/SP

No Ambulatório de Especialidades de Pinheiros, por ser o equipamento onde se localiza a farmácia, os médicos encaminharam seus pacientes diretamente para a farmácia, não necessitando da caixa de medicamentos no consultório médico.

Nesse Ambulatório, a farmácia atendeu também as prescrições destinadas aos pacientes do grupo de idosos, integrantes de projeto de pesquisa clínica, objeto de tese de doutorado, ali em desenvolvimento.

Duas unidades de saúde de média e alta complexidade da cidade de São Paulo, os NGA 50 e NGA 63, localizadas na região do Núcleo 01 (DIR I – SES) solicitaram caixas de medicamentos homeopáticos para atendimento dos pacientes no local da consulta. Essas solicitações foram de 1499 frascos de 573 potências ou medicamentos distintos, 200 frascos esterilizados e 100 frascos com solução alcoólica a 30%.

O registro do atendimento, por dispensação de medicamento, pela farmácia diretamente ao paciente de diferentes unidades de saúde, incluindo o Ambulatório de Especialidades de Pinheiros, foi feito a partir do livro de registro do receituário e consta da tabela 06. Neste registro foi possível notar que também foram aviadadas receitas provenientes de várias unidades das adjacências como o Centro de Saúde Escola Geraldo Paula Souza, a UBS Manoel Pêra, e de unidades mais distantes como o PAM Lapa, a UBS Vila Sonia, o CS Butantã.

## 5.2 – As solicitações dos equipamentos municipais de saúde (SMS/SP)

No período em estudo, a Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo (SMS/SP) estava organizada em 10 Postos Avançados (PA) com 39 Distritos de Saúde (DS) que englobavam cerca de 250 unidades de saúde próprias e unidades estaduais que foram municipalizadas conforme o termo de gestão plena da atenção básica da SMS firmado em meados de 2001.

O Distrito Sanitário entendido como espaço territorial e social com dimensão política, ideológica e técnica, elemento tático fundamental na estratégia da Reforma Sanitária (Vilaça, 1993).

A gestão plena da atenção básica, também conhecida como semiplena é uma das condições de gestão, estabelecida para os municípios no plano de organização dos serviços do SUS, conforme a Norma de Operações Básicas (NOB/96) (Franco, 2002)

As tabelas 03 e 03-a detalham a abrangência do atendimento da farmácia homeopática da DIR I, junto aos equipamentos sob gerência da SMS/SP, em que potências os medicamentos foram solicitados e a quem se destinaram. Os PAs 01 (Centro) e 05 (Itaquera) não possuem unidades que receberam medicamentos homeopáticos, por isso não constam da tabela 03.

**Tabela 03** - Equipamentos de saúde sob gerência da SMS/SP, que solicitaram medicamentos homeopáticos à farmácia, segundo DS e PA, de maio de 2001 a janeiro de 2003.

<b>Posto Avançado(PA)</b>	<b>Distrito de Saúde (DS)</b>	<b>Unidades de Saúde (UBS)</b>
02	Butantan Lapa	CS II Butantan* CS Vera Cruz*
03	Vila Mariana  Mooca Sapopemba Vila Prudente	Ambulatório de Especialidades Ceci, CSIII Indianópolis* e CS III Bosque da Saúde* CS I Belenzinho CEPAIS – Sapopemba. A E V Prudente e UBS São Lucas
04	Penha  Vila Matilde	Ambulatório de Especialidades Dr. Maurice Patê  UBS Manoel da Nóbrega
06	DS São Miguel	A. E. Dr.Tito Lopes*
07	Vila Maria Cachoeirinha Jaçanã	CSIII Vila Guilherme* e CSIII Izolina Mazzei* H. M. Dr. M. Altenfeld CS II Jaçanã e Amb. De Esp. Tucuruvi
08	Pirituba	CS IIIChácara Inglesa*
09	Parelheiros	UBS Jd.República
10	São Luiz Capão Redondo	USF Chácara Santana UBS Jd. Comercial
<b>Total: 08 PAs</b>	<b>16 DS</b>	<b>21 equipamentos</b>

\*unidades municipalizadas.

Os 39 DS existentes à época do estudo estiveram representados por 16 deles, no envio de solicitações à farmácia. O número de equipamentos

(unidades básicas, ambulatórios de especialidades ou hospital) que recebeu medicamentos homeopáticos soma 21, sendo localizados nas quatro regiões da cidade: Norte, Sul, Leste e Oeste.

O número de solicitações advindas das unidades da SMS, recebidas pela farmácia totalizou 34, perfazendo 26 184 frascos de 3 968 medicamentos. Oito equipamentos solicitaram medicamentos mais de uma vez, sendo que um solicitou cinco vezes, dois solicitaram três vezes e cinco solicitaram duas vezes.

O pedido de frascos vazios esterilizados para fracionamento das doses dos medicamentos ocorreu em cinco delas, sendo 200 frascos de 5ml, 350 frascos de 8ml e 70 frascos de 20ml.

Na tabela 03-a observa-se o número de vezes, das diferentes potências dos medicamentos, que foram solicitadas e a respectiva quantidade de frascos de cada uma delas.

**Tabela 03-a** – Potências dos medicamentos homeopáticos solicitados pelos equipamentos de saúde sob gerência da SMS/SP, sob forma de glóbulos e líquido, de maio de 2001 a janeiro de 2003.

<b>Potências dos medicamentos</b>	<b>Número de vezes</b>	<b>Número de frascos (glóbulos)</b>	<b>Número de frascos (líquidos)</b>
CH 6	1 349	9 275	1 343
CH 12	850	6 892	1 681
CH 18	106	777	-
CH 24	36	36	-
CH 30	914	6 639	1 339
CH 100	251	934	-
CH 200	462	1 631	-
<b>Totais</b>	<b>3 968</b>	<b>26 184</b>	<b>4 408</b>

Quanto à potência dos medicamentos, houve predominância das potências CH 6 e CH 30, sendo que a potência CH 18 está presente em cinco solicitações e a CH 24 em apenas uma delas.

Cada potência foi considerada um medicamento distinto, a semelhança das concentrações para medicamentos alopáticos.

As listas de solicitações dos medicamentos registraram uma predominância de solicitações sob a forma farmacêutica 'glóbulos' em relação à forma farmacêutica 'solução' (líquido), conforme se observa na tabela 03-a.

### 5.3 – As solicitações SUS/SP e extra-SUS na cidade de São Paulo

As solicitações SUS/SP, de municípios do interior do estado, como São José do Rio Preto e Amparo (USF Jardim Brasil), foram de medicamentos ou de solicitações a respeito da possibilidade de receberem medicamentos dessa farmácia, como efetuar solicitação de abastecimento oficial, etc.

As solicitações oriundas do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa (COTP) – Ibirapuera da Secretaria Municipal de Esportes Lazer e Recreação (SEME) foram duas: uma em junho de 2002 e outra em dezembro de 2002. Totalizaram 210 frascos de 21 tipos de medicamentos com predominância dos medicamentos em baixas potências, pois foram 170 frascos de 17 medicamentos nas potências CH 03 e CH 06.

Essas solicitações incluíam outros medicamentos como pomadas, cremes, tinturas, colírio e 'xaropes caseiros', que são produtos fitoterápicos.

Houve ainda uma solicitação da Associação Brasileira de Reciclagem em Homeopatia (ABRAH), de medicamentos para o ambulatório de uma Organização Não Governamental (ONG), com quem é conveniada, e que

presta atendimento com homeopatia, em favela da cidade há quatorze anos, conforme o seu Plano de Trabalho para 2002 (Documento VII do Anexo E).

#### 6 – Os valores estimados para a demanda registrada no período

Embora não seja um estudo de estimativa de custos, a exemplo do que fez a Unio Homeopathica Bélgica (1992), por solicitação do Ministério de Assuntos Sociais daquele país, mas à guisa de estimativa, para ter-se uma idéia dos valores que representou a produção da farmácia, no atendimento da demanda registrada para 'caixas de medicamentos', do período em estudo, foram construídas as duas próximas tabelas.

**Tabela 04** – Valor em Reais conforme preço médio de mercado dos medicamentos solicitados à farmácia homeopática da DIR I no período de maio/01 a janeiro/03, segundo suas potências e número de frascos.

<b>Potências</b>	<b>No. de frascos</b>	<b>Preço/unidade</b>	<b>Total</b>
CH 03	10	5,00	50,00
CH 06	9871	5,00	49 355,00
CH 12	7059	6,00	42 354,00
CH 18	906	6,00	5 436,00
CH 24	76	6,00	456,00
CH 30	6971	7,00	48 797,00
CH 100	1085	10,30	11 175,50
CH 200	1873	10,30	19 291,90
LM	42	20,00	840,00
<b>Total</b>	<b>27893</b>	<b>-</b>	<b>177 705,40</b>

**Tabela 04-a** – Valor em Reais conforme preço de matrizes homeopáticas dos medicamentos solicitados à farmácia homeopática da DIR I no período de maio/01 a janeiro/03, segundo suas potências e número de frascos.

<b>Potências</b>	<b>No. de frascos</b>	<b>Preço/unidade</b>	<b>Total</b>
CH 03	10	4,00	40,00
CH 06	9 871	4,00	39 484,00
CH 12	7 059	4,00	28 236,00
CH 18	906	4,00	3 624,00
CH 24	76	4,00	304,00
CH 30	6 971	4,00	27 884,00
CH 100	1 085	4,70	5 099,50
CH 200	1 873	5,00	9 365,00
LM	42	20,00	840,00
<b>Total</b>	<b>27 893</b>	<b>-</b>	<b>114 876,50</b>

O ensaio considerou para o cálculo dos valores, as quantidades que foram produzidas para o atendimento das solicitações do SUS/SP e o preço por unidade das diferentes potências dos medicamentos homeopáticos.

Os valores da tabela 04 consideraram os preços de mercado dos medicamentos homeopáticos segundo suas potências<sup>1</sup>. Foram considerados preços de mercado, a média dos preços praticados por três farmácias de São Paulo, consultadas por telefone: HN Cristiano, O Alquimista e Artemísia.

Os valores da tabela 04-a consideraram os preços das 'matrizes homeopáticas', que se constituem em matéria prima para farmácias. São elaborados numa potência imediatamente inferior a utilizada pelos pacientes, em solução alcoólica 30% e vendidos com preço de matéria prima no atacado.

A tabela de preços utilizada, para matrizes de medicamentos homeopáticos, foi de agosto de 2002, da empresa HN Cristiano. (Documento VIII do Anexo E).

As matrizes podem ser manipuladas em dispensário ou no consultório médico, segundo técnica padronizada e poderiam constituir-se numa outra modalidade de oferta do medicamento homeopático.

O ensaio demonstra ser esta última modalidade, menos onerosa do que os medicamentos prontos, mas ficam aquém da economia representada pela fabricação própria.

## 7 – A estimativa de custo para a demanda registrada no período

O quadro 05 indica a estimativa de custo dos medicamentos solicitados na farmácia da DIR I, considerando as matérias-primas e material para acondicionamento (envase) e identificação (rótulos).

A economia estimada com a produção pela farmácia, ocorreu tanto na situação de aquisição de matrizes  $(114.876,50 - 7.670,58) = (107.205,92)$ , quanto na de aquisição de medicamento pronto, em balcão de farmácia privada  $(177.795,40 - 7.670,58) = (170.124,82)$ .

A tabela 05, a seguir, discrimina os componentes principais para o preparo dos medicamentos homeopáticos, uma vez já existente, as suas matrizes para a imbebição dos glóbulos. No cálculo desta tabela optou-se pela quantidade produzida sob fórmula de glóbulos, por ter sido a mais procurada como já mostrado na tabela 03-a.

**Tabela 05** – Valor em Reais dos medicamentos solicitados à farmácia homeopática da DIR I no período de maio/01 a janeiro/03, e o preço médio de suas matérias primas componentes.

<b>Matérias-prima</b>	<b>Preço (R\$)</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Totais (R\$)</b>
Frasco âmbar com tampa (unidade)	0,20	27.893	5.578,60
Glóbulos de lactose (Kg)	7,50	27.893X 0,015*	418,40
Rótulo (unidade)	0,06	27.893	1.673,58
<b>Total</b>	-	-	<b>7.670,58</b>

\*valor da quantidade de glóbulos existentes em cada frasco.

Há que se lembrar que nesse valor não está incluída a mão-de-obra especializada dos farmacêuticos e auxiliares que trabalham na farmácia, pois são funcionários estatutários ou efetivos do quadro da SES,

Também não compõem este valor, os gastos com energia elétrica, água, material de consumo para asseio pessoal e limpeza dos equipamentos e do local de manipulação.

Seria interessante que fosse aprofundado estudo a este respeito, uma vez que a composição de preços dos medicamentos tem uma metodologia própria e no caso dos medicamentos homeopáticos, há que se considerar sua característica de multiplicarem-se ao infinito, isto é, a partir das baixas dinamizações se produzem as seguintes, bastando incorporar veículo, ou seja, água e álcool e trabalho especializado.

## 8 – A atenção farmacêutica oferecida na farmácia

A Atenção farmacêutica, segundo Marin et al., é um componente da prática farmacêutica, na definição de Hepler & Strand (1999), a mais citada na atualidade. Constitui-se por ações específicas do profissional farmacêutico no contexto da assistência farmacêutica à população – individual ou coletiva – quanto à promoção do uso racional de medicamentos. (Marin et al., 2003).

Faz parte da atenção farmacêutica, o aviamento, ou seja, o preparo do medicamento, para atendimento das prescrições médicas, acompanhado das orientações necessárias ao correto uso do medicamento homeopático, bem como do cuidado com seu manuseio e guarda.

Na farmácia homeopática da DIR I, o aviamento de receitas foi feito para os pacientes de homeopatia atendidos no Ambulatório de Especialidade de Pinheiros, bem como para os oriundos das unidades de saúde onde os médicos homeopatas não optaram por realizar o fracionamento das doses, não possuindo, portanto, a caixa de medicamentos homeopáticos.

Para saber quantas pessoas foram atendidas para aviamento de receitas, uma vez que é nesse momento, que ocorre a possibilidade do exercício da atenção farmacêutica, que é integrante das funções do farmacêutico homeopata, foi construída uma planilha a partir dos dados do livro de registro das receitas da farmácia. A planilha serviu à construção da tabela 06.

No dizer de uma das fundadoras da Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas, em entrevista à Revista *Pharmácia Brasileira* (CFF, 2001):

‘o farmacêutico homeopata pode ser visto como um profissional exemplar, pois ele está na farmácia, produz medicamento de qualidade e presta

necessariamente assistência. O usuário da homeopatia vem para a farmácia com muitas dúvidas com relação ao medicamento e principalmente à terapêutica. Tudo é novo. Cabe a nós explicar e acompanhar o tratamento' (Almeida Prado, 2001; p.10).

Na tabela 06, observa-se que no primeiro ano de funcionamento foram dispensadas no balcão da farmácia 1444 receitas, que continham 2914 medicamentos, perfazendo uma média de 2,01 medicamentos por receituário e atendidas seis unidades requisitantes de caixa de medicamentos homeopáticos, num total de oito requisições, pois duas unidades solicitaram duas vezes.

As receitas atendidas, no período de janeiro/02 a janeiro/03, somaram 2818, contendo 5479 medicamentos e as caixas de medicamentos, dezoito, constituídas para atendimento das solicitações oriundas de 15 equipamentos de saúde. A média de medicamentos por receituário foi de 2,01 medicamentos.

**Tabela 06** – Número de receitas e de seus medicamentos e das caixas de medicamentos com as respectivas unidades de saúde solicitantes, segundo registro no livro da farmácia nos períodos indicados.

Períodos	Receitas	Medicamentos	Caixas de medicamentos	Equipamentos
Maio a dezembro de 2001	1 444	2 914	08	06
Janeiro de 2002 a janeiro de 2003	2 818	5 479	18	15

A média anteriormente referida é um dado que serve para comparações com a média de outros receituários, dos diferentes tratamentos medicamentosos, para estudos com esta finalidade. Seu registro, ao longo do tempo permite traçar um perfil de utilização de medicamentos.

O espaço interno da farmácia é destinado exclusivamente a produção dos medicamentos, os pacientes são atendidos na porta-balcão e aguardam o aviamento da receita, (preparação do medicamento) no corredor, onde algumas poltronas favorecem a espera.

A farmácia da DIR I está equipada com utensílios e materiais (destilador, estufa, vidrarias) apropriados ao preparo correto dos medicamentos. Possui uma dinâmica de funcionamento quanto a conservação e higienização do local, disposição e manuseio dos materiais e de matérias-primas de forma a preservar sua qualidade.

Conta com a efetiva presença de duas farmacêuticas homeopatas e um auxiliar que foi capacitado em serviço pela farmacêutica gerente do projeto. Assim, parece ser pertinente a afirmação da gestora Minerva: '(...) eu sei que é uma farmácia muito bem montada. Atualmente é a única farmácia do SUS na Capital e estou contente como trabalho que o pessoal está fazendo lá'.

Para uma melhor idéia a respeito dos componentes e do espaço da farmácia, são apresentadas a seguir as fotografias da farmácia, em que podem ser vistos alguns de seus aspectos à época de sua instalação (fotos 01 a 04) e após sua implantação (fotos 05 a 09), com legendas auto-explicativas.



Foto 01 – Parte esquerda da bancada de 2,80m de comprimento, 0,60m de profundidade e 0,90m de altura, onde foi instalado o lavatório. Na parede à direita na foto e acima do lavatório foi instalado o destilador de água.



Foto 02 – prateleira para suporte dos gaveteiros de armazenamento das matrizes homeopáticas.



Foto 03 - mesa para manipulação com prancha  
Auxiliar para máquina de escrever.



Foto 04 – Gaveteiros medindo 1,65m x 2,45m x 1,45m (altura), com dois tamanhos diferentes de gavetas.



Foto 05 - Bancada medindo 2,80m de comprimento, 0,60m de profundidade e 0,90m de altura para suporte da estufa, da balança de precisão e instalação do lavatório (cuba de inox). Acima da bancada, vê-se prateleira com materiais de laboratório.



Foto 06 – Gaveteiros identificados quanto a seu conteúdo, as matrizes dos medicamentos homeopáticos, ao fundo, vê-se parte do destilador afixado na parede, acima da bancada que contém o lavatório e uma lixeira com tampa. Sobre o gaveteiro estão dispostos frascos glóbulos inertes, com tampas pretas e batoques para os frascos dos medicamentos a serem preparados.



Foto 07 – Prateleira com gavetas com as matrizes dos medicamentos homeopáticos.



Foto 08 – Prateleira suporte para pipetadores automáticos e balança decorativa.



Foto 09 – Gaveteiros com as matrizes dos medicamentos Homeopáticos. Acima, afixado na parede, quadro sinóptico de plantas medicinais.

## 9 – A percepção dos usuários a respeito dos medicamentos homeopáticos e da contribuição da farmácia nesse atendimento

Sem ter a pretensão de traçar perfil dos usuários, mas com interesse apenas em conhecer como a atual clientela percebe a questão dos medicamentos no quadro geral do atendimento homeopático e no particular, como obtém esse insumo, foram selecionados alguns trechos das entrevistas realizadas com eles.

Os nomes utilizados na identificação dos entrevistados são fictícios, para preservar o anonimato. As idades, que acompanham os nomes e o sexo são reais, foram coletados para se ter uma idéia do universo entrevistado.

Vários são os aspectos pertinentes aos medicamentos que apareceram nos depoimentos dos usuários: qualidade, cuidados com a utilização, local de obtenção dos medicamentos, o que sabem a respeito do remédio homeopático, a eficiência, o seu custo, entre outros.

O relato a respeito da qualidade dos medicamentos homeopáticos da usuária Magdala, parece identificar corretamente a responsabilidade por esta área:

‘A única dúvida que eu tenho é com os remédios, com as farmácias... Parece que na manipulação não estão fazendo certo... Dizem que as farmácias homeopáticas, muitas não tão fazendo assim, manipulando o remédio certo. A gente ta tomando e tudo e não tem nada a ver. Então a gente ta preocupada. Confiança no farmacêutico! Eu tenho uma farmácia que eu fazia. É na (nome da farmácia), agora tem na rua do Bosque (nome da farmácia.) onde estou fazendo. Porque o médico em si pode chegar, pode passar o remédio certo, mas até passar

pelo farmacêutico e chegar até nós... É isso que ta me dando dúvida! (...) Agora a preocupação são os remédios. E os médicos não têm culpa. Não é da área do posto. Porque de repente o médico é de confiança, o atendimento tudo, mas olha até chegar na sua mão... Tem muita gente comentando isso das farmácias. São as farmácias. Se o Dr. M. me passa uma formula e eu faço e não tem nada a ver, a farmácia é que é responsável' (Magdala, 46 anos)

Preocupação cabível, pela descrição técnica do preparo do medicamento, descrita no Capítulo I, e que fez a European American Coalition on Homeopathy (E. A. C. H., 1997), em sua publicação sobre Homeotherapy identificar os fatores que influenciam a qualidade da medicação homeopática, a saber:

- Identificação exata e definição precisa da fonte das matérias.
- Execução de cada uma das etapas de produção como recomendado na Farmacopéia oficial<sup>14</sup> ou nas autorizadas.
- Controle dos processos.
- Testes do produto final.
- Verificação da estabilidade do produto final.
- Seleção da embalagem apropriada.

Os cuidados com a utilização dos medicamentos homeopáticos são ressaltados: 'Tomar direitinho, não tocar, não deixar perto da televisão, essas coisas, no sol, calor' (Magdala) o que confirma a citação: 'A conduta dos usuários em relação à guarda dos medicamentos que utilizam, de modo geral, sugere conhecimento correto sobre o assunto' (Mendicelli, 1994; p.99)

---

<sup>14</sup> A Farmacopéia Homeopática Brasileira é de 1961, com a 2ª. ed. publicada em 1997. A Farmacopéia também autoriza o uso outras farmacopéias ou formulários internacionais reconhecidos. (M S, 1997)

Os depoimentos dos usuários a respeito do local de obtenção dos medicamentos homeopáticos trouxeram a dimensão de até onde se espalharam as farmácias homeopáticas, que em meados de 90 limitavam-se aos bairros de classe média:

‘Eu mando fazer nas farmácias é numa pessoa só, no Tatuapé. (...). Desta vez, porque a minha família trabalha, aproveito pros lados que eles trabalha(m), fica mais fácil. Agora este último que tomei foi na farmácia do Dr. Seabra, mas faço numa farmácia no Tatuapé, em São Miguel tem também, mas nunca mandei fazer lá’ (Raquel, 84 anos).

‘Tem uma farmácia, só que não lembro agora o nome da rua, fica aqui do lado do (supermercado na Vila Mariana) (...) tem uma casa de homeopatia. Achei por acaso também, e gostei também do tratamento deles e passei a fazer, quer dizer, fiz o remédio lá’ (Saulo, 67 anos).

O relato de uma usuária moradora de São Miguel Paulista (zona leste) confirma: ‘Lá na farmácia de homeopatia perto de casa’ (Éster, 13 anos).

A respeito do remédio homeopático, os usuários referiram desde o sabor, até o preço, incluindo sua eficiência em resolver os problemas de saúde que apresentavam. A eficiência revela-se nos dizeres das usuárias Raquel e Ester:

‘(...) eu me sinto curada com os remédios da homeopatia (...) os remédios de homeopatia, porque se tomo esses outros remédios, eu crio alergia, às vezes, sinto dor no estomago, mas estes de

homeopatia, eu tomo e não sinto nada essa é a verdade! Gosto muito da Homeopatia, e converso com as pessoas que os remédios e os médicos da homeopatia, os homeopatas eles são uma maravilha! Por isso eu to aqui com esta médica, e só saio quando eu morrer ou então se ela sair e em qualquer lugar que tiver homeopatia eu parto pra outra homeopatia, mas outra não faço não (Raquel, 84 anos)'.

'Ah! são bons! O dia que você tá sentindo alguma coisa, assim, que você toma, ela passa o remédio, aí já no outro dia você dorme melhor, você acorda melhor, você brinca melhor. Tudo melhor' (Éster, 13).

Indagada sobre se sabia os nomes dos medicamentos, essa usuária, referiu que: 'Os nomes, não. Só os números. Hoje vou tomar um C1000'.(Éster,13 anos)

Quanto ao custo dos medicamentos e sua importância no orçamento:

'Quando a receita é dos médicos, não é caro. Olha a Dra. Clarissa já me passou uns cinco remédios e o mais caro que já comprei foi R\$5,50. São na condição da gente. Como que eu vou comprar quatro cinco remédios Os remédios hormonais, da alopatia são caríssimos! Os da reposição hormonal... É um tratamento que dá pra gente continuar! (da homeopatia)' (Magdala, 46 anos).

Em uma das unidades que organizou estoque de medicamentos homeopáticos com doações dos usuários, a usuária Magdala relata que:

‘Inclusive quando tinha (no estoque do posto) eles queriam doar. Para minha filha era difícil (de ter). Às vezes, eles passavam aqueles glóbulos, a validade é de dois anos aí parava (de tomar). Para aquele vidrinho não ficar (em casa, sem uso) a gente trazia. Todo mundo fazia.(como o médico ensinava). Tomar direitinho, não tocar, não deixar perto da televisão, essas coisas, no sol, calor. Aí a gente trazia e entregava e ficava aí. Outra criança que precisava eles tinham...’ (Magdala, 46 anos)

As respostas à pergunta do que achavam a respeito de ter uma farmácia homeopática no Serviço Público, revelavam surpresa, alegria, todos riram de satisfação, num sentido de que era bom demais para ser verdade, como podemos perceber nos depoimentos a seguir:

‘Ah, isso é bom demais! (Risos) Agora você falou que vai ter a farmácia. A gente fica mais tranqüila. Pelo menos aqui a gente fica tranqüila. As pessoas têm amor no que fazem’. (Magdala, 46 anos);

‘Gratuito? Melhor ainda! (Risos)’ seguida de uma reflexão: ‘Ah, o que eu gasto com remédio! Nossa Senhora!’ (Saulo, 67 anos), referindo-se aos medicamentos alopáticos que usa concomitantemente. Essa era a segunda consulta com homeopatia desse usuário

A usuária Magdala, que trata da filha com homeopatia há nove anos, e dela própria há seis anos, pois ficou três sem atendimento no PAM, que restringiu a

homeopatia à pediatria, relata a observância à orientação médica, dela e da filha:

‘O Dr. M. explicou tudo direitinho, que não era para misturar os medicamentos. E eu fiz assim, às vezes febre, alguma coisa, eu não dava nem novalgina, eu vinha pra cá e até hoje qualquer comprimido que ela toma é só com orientação dele mesmo. Ela fica só com homeopatia. Talvez seja isso também. Não misturei os remédios de homeopatia, para não prejudicar o tratamento. Às vezes ela tinha crise, ele dizia: ‘qualquer coisa vem aqui’ e eu era sempre bem atendida. Ele me atendia. Cheguei a telefonar pra ele também. Ele conversava comigo. Eu dizia: não quero dar nem novalgina! E ele dizia: ‘dá os globulinhos’ e vamos ver. E foi sempre assim, a febre baixava. Agora faz uns seis meses que ela toma uns comprimidinhos pra dor de cabeça, mas tudo homeopatia que ele dá’ (Magdala, 46 anos).

O uso concomitante de medicamentos alopáticos, pelos usuários do atendimento homeopático, parece ocorrer de forma esporádica, a não ser o caso dos iniciantes nesta terapêutica, que chegaram a este atendimento já fazendo uso de medicamentos de uso prolongado, como relata o usuário Saulo:

‘(...) fiz ponte de safena então tomo o AAS, que já me causou uma úlcera e então já curei a úlcera e estou tomando um agora não me lembro o nome, que vem numa caixa eu sei que ele é ‘cardio’, ele é

encorpado ele só se dissolve no intestino e não dá problema nenhum. E realmente depois que comecei a tomar este remédio no próprio hospital (....) Então esse seria um. Tomo o Isocor. (...) Meu colesterol bom não tende a aumentar, para ele aumentar tem que tomar esse remédio e mesmo assim ele não sobe, fica nos 38, 35, não sai disso. Então tomo esse remédio e procuro também combater o colesterol com produtos naturais: como farelo de aveia, e uma série de coisas'. (Saulo, 67 anos)

O uso de produtos tido como naturais e assemelhados à homeopatia, também ocorre:

'(...) Já cheguei tomar também aqueles Florais de Bach, também achei que funcionou. Depois parei, porque era através dessa minha nora, que ela é que fazia essa parte, depois que ela foi para Ribeirão (Ribeirão Preto), então parei'. (Saulo, 67 anos)

'Sempre fui uma mãe de fazer chazinhos, chazinho de hortelã, sabe essas coisas do tempo da vovó. A gente toma com aquela confiança'. (Magdala, 46)

## 10 – A percepção dos gestores e da gerente a respeito do processo de implantação da farmácia

As duas gestoras e a gerente entrevistadas demonstraram diferentes graus de participação no processo de implantação da farmácia. Relatam a seguir sua participação no processo. Também seus nomes são fictícios e não foram coletadas as suas idades, porque este dado não tinha finalidade para o estudo.

A questão 01 do roteiro de entrevistas para gestores, (Anexo C), dizia respeito à participação delas na história da homeopatia no serviço público, pretendia-se com esta questão assuntar se os gestores estavam influenciados desde longo tempo pela questão, ou se estavam assumindo uma novidade. Afinal, saber quem eram esses gestores, do ponto de vista de sua trajetória no serviço público, como se colocaram frente ao objeto de estudo.

Eis seus relatos a respeito:

‘(...) a minha participação na história da homeopatia vem da época em que eu era gestora do Núcleo 01 e aí, eu e a Diana nos conhecemos. A Diana falou do desejo dela de estar..., do passado dela, de ter trabalhado no GEPRO (de Práticas Alternativas década de 90 na SES/SP, com o pessoal da homeopatia, e que naquele momento ela estava sem uma atividade exclusiva em homeopatia, mas que ela tinha muita vontade de trabalhar nisso. Eu falei que na qualidade de gestora ia fazer a maior força pra gente estar implementando esse serviço e fomos conversando ao longo do tempo. Aí nós descobrimos que a farmácia de homeopatia do Núcleo 05 estava

desativada há algum tempo. Até foi a Diana que me contou e eu fui perguntando para a diretora do núcleo 5 se ela sabia. Aí mudou a diretora do núcleo 5 (...) a gente começou a conversar mais sobre isso. Percebi realmente que o Núcleo 05 não ia fazer nada com a farmácia e era o maior desperdício. Pedi para a Diana e ela foi lá reconhecer o material e como naquela época a gente tinha uma verba, as verbas iam para as unidades, a gente podia fazer projetos específicos com essa verba, a gente começou a delinear esse projeto. A Diana ajudou bastante. Fizemos as prateleiras que eram necessárias. Uma vez que as tinturas-mãe estavam conservadas, as diluições, a vidraria toda tava lá, ia ficar um projeto muito barato. Era só a gente ter um lugar e um equipamento mínimo para elas poderem trabalhar, (o) mais, era marcenaria, coisas assim. Entramos em contato com o marceneiro, tinha uma moça que já tinha projetado a farmácia para a Diana, então foi muito fácil' (Ceres).

A respeito do porquê da farmácia ter sido feita em Pinheiros, a entrevistada esclarece:

'Primeiro nós tínhamos pensado no centro da cidade, num dos NGAs. Mas os NGAs estavam desestruturados, tinha que fazer uma reforma muito grande, não valeria a pena. Aí nós pensamos no CS Pinheiros porque ele tava no local mais central do Núcleo 1 além de estar perto de trem, de várias

linhas de ônibus da grande São Paulo, da zona Oeste e Norte de São Paulo e perto de marginal. O acesso dele é muito mais fácil. A Diana já estava trabalhando lá, a Diana falar pra gente, poder mapear um lugar lá, um cantinho para por rápido em funcionamento. Então foi super tranquilo, pelo acesso e por estar fácil, por isso' (Ceres)

Nesse processo, a entrevistada identifica o momento de tomada de decisão a respeito da implantação da farmácia, mais importante para ela: 'A grande oportunidade foi mesmo quando entrei no Núcleo 01'.

Novamente se vê às voltas com tomada de decisão a respeito da farmácia, agora numa outra instância do SUS, o nível municipal:

'Quando voltei para a prefeitura depois desses anos, (...) vi que tinha uma possibilidade porque a gente sabia da capacidade daquela farmácia de Pinheiros. A gente sabia que dava para suprir todo estado de São Paulo. (...) eu tava num momento propício, eu tava dentro do COGEST e tava participando diretamente com o (fulano) da formação do novo corpo da secretaria do município de São Paulo. Então acho que aí que foi a maior participação' (Ceres)

A sua percepção a respeito do movimento da reestruturação e inserção do atendimento homeopático na rede é revelada, na resposta à questão 04 do roteiro:

'Na secretaria do município acho que tem, existe um desejo grande da gente estar ativando, fomentando, fazendo um movimento muito a favor da homeopatia (...) O que a gente tem tentado fazer é em cima das pessoas que estão hoje trabalhando na prefeitura, dos nossos parceiros que estão dentro do estado, que estão dentro do Instituto de Saúde; (...) no COGEST, recebi muitas pessoas que estavam fora querendo saber, fora destas instituições públicas, querendo participar deste momento, e acho que a gente tem dado passos (....) Acho que a gente poderia estar um pouco mais organizada nesse processo, mas ainda não foi um momento muito propício dentro da secretaria, porque a secretaria esta numa reestruturação muito grande (....) Agora, hoje pelo levantamento que a gente fez a gente sabe que tem homeopata em tudo, desde médico de família até o médico especialista lá no Ambulatório que não atende homeopatia, mas quer atender, é cardiologista, é otorrino, mas quer atender homeopatia. Então isso eu acho que é muito bom. Só que nós temos que criar um momento, um momento real de trabalho real de coesão real. Então a gente tem que estar trabalhando nisso, no sentido de nos aliarmos às escolas, que podem utilizar o espaço físico que hoje existe na prefeitura de São Paulo (....) O que a gente tem hoje para oferecer são os espaços de atendimento e essa demanda que sabe que existe dentro da homeopatia. Então nós vamos trabalhar nisso' (Ceres).

Diana, gerente da farmácia quando entrevistada revelou suas motivações a respeito da iniciativa da seguinte forma:

‘(...) na minha opinião tinha gente atendendo, tinha bastante gente atendendo e precisava do medicamento para esses atendimentos, para que realmente tivesse uma legitimidade estes atendimentos, que ele pudesse ter o medicamento como ele tem o medicamento na dose certa, tem medicamento de alto custo, ele tem o direito de ter o medicamento homeopático apesar de que se diz que ele é barato, mas eu não acho barato R\$ 5,00 um medicamento na potência 6 CH barato, para uma população que esta cada vez mais empobrecida’.  
(Diana)

Identifica a influência de vários fatores relacionados ao processo:

‘(...) pode-se falar que este desmonte é pelo modelo neo-liberal ou porque tinha que desmontar para facilitar a municipalização, ou não importa, não interessa muito porque que houve este distanciamento da administração do governo (...) com a saúde pública (...) o que ficou foram funcionários interessados no serviço (...) uma pessoa queria fazer algo, como eu quis fazer a farmácia, foi fácil’ (Diana).

A respeito das facilidades no desenvolvimento do projeto, assinala:

‘(...) fácil em termos, óbvio, mas conversar com as pessoas certas, no momento certo, houve uma série de providências, não coincidência, mas providências, como por exemplo, a diretora do CS Pinheiros ser (...) uma sanitarista clássica não entender nada de homeopatia, até ter (...) um desconhecimento mesmo do que pode ser, a potencialidade da Homeopatia dentro da saúde pública, ela permitiu fazer no CS Pinheiros’ (Diana).

Aponta as facilidades de natureza material e organizacional:

‘Então tinha esta Farmácia já, entre aspas abandonada, tinha os materiais da farmácia tipo balança, destilador, a própria estufa. A estufa foi um pouco mais difícil estava tudo jogado, abandonado mesmo dentro dos almoxarifados das unidades da secretaria estadual de saúde, porque realmente ninguém estava se importando muito. Então foi relativamente fácil retomar a farmácia. Conteí claro, com a presença da (Ceres), como diretora do Núcleo 01, que é homeopata e estava na época interessada em fazer um programa de homeopatia e acupuntura dentro do núcleo 01. Posteriormente a (Ceres) foi para a prefeitura, a (Minerva) foi ser diretora do Núcleo 01 e então ficou tudo ali mais ou menos com

as mesmas pessoas que montaram e permitiram a montagem desta farmácia dentro do Núcleo 01' (Diana).

Em relação ao acesso da população ao medicamento homeopático dentro do SUS faz a seguinte reflexão:

'(...) porque em linhas gerais hoje, uma consulta no SUS era R\$2,50 e agora está seis e pouco ou sete reais não sei, oito anos sem ter reajuste, mas se você pensar numa consulta médica sete reais e se pensar que um médico dentro do SUS, (que) prescreve 4,5,6 medicamentos e esse medicamento tem um custo que possivelmente será mais do que estes dois reais e cinquenta reais, então o medicamento hoje é mais caro que assistência médica' (Diana)

Acredita, porém que não basta produzir os medicamentos, sendo necessário: '(...) fazer um programa de homeopatia, com todas as suas vertentes e sua interação com todas as outras áreas temáticas ou programas...' (Diana).

Volta ao fator dos preços do medicamento e a característica que eles têm de se reproduzirem, indefinidamente, o processo de manipulação:

'(...) também é uma economia enorme você poder disponibilizar um medicamento que na sua farmacotécnica parece cornocópia, porque ele se reproduz de maneira quase mágica, então assim, o recurso para fazer o medicamento é muito pequena o

que precisa é ter bons profissionais para que este medicamento tenha qualidade. (...) Então, se olhar a saúde como um todo e o gasto de medicamento que se tem hoje em relação a assistência, o medicamento homeopático é muito bem vindo dentro da homeopatia, dentro do sistema único é muito bem vindo, não só pela questão de qualidade, mas pela questão de custo, que este recurso economizado pode ser usado em outras necessidades'(Diana).

A respeito das dificuldades e do custo da implantação, a gerente declara:

'A dificuldade é sempre o dinheiro. O que tinha dentro da farmácia como estoque, como material, vidraria, depois a existência de um destilador que não precisou ser comprado, a existência de uma balança que não precisou ser comprada, a existência de uma estufa que não precisou ser comprada, a farmácia, o custo dela, foi basicamente o custo das instalações físicas e depois conseguir um recurso sistemático (...)' (Diana).

Traz sua preocupação para o presente:

'(...)a dificuldade agora é conseguir um recurso sistemático para que ela continue fazendo o medicamento e este recurso sistemático é justamente para matéria prima: glóbulos, vidro, frasco, vidro não, frasco, álcool, porque o resto a

gente tem, mas a dificuldade é mesmo, absolutamente o recurso' (Diana)

Para ela, são dificuldades: a comunicação com os prescritores e o estabelecimento de um fluxo para os medicamentos:

'(...) e também tem uma dificuldade que é a comunicação nossa com a ponta, ou seja, com quem prescreve o medicamento e como ele vai ter este medicamento lá, para ser oferecido ao seu usuário na unidade que ele está atendendo; para que o usuário também não fique trançando atrás do medicamento, porque realmente é a única farmácia da cidade de São Paulo. Não posso pensar que uma pessoa que está na zona leste vai atravessar a cidade para vir pegar o medicamento aqui. Este medicamento tem que estar lá à sua disposição, dentro do dispensário de medicamento homeopático, não sei como é que vai ser organizado isso, mas precisa ser organizado para garantir a qualidade do medicamento na unidade onde o usuário está sendo atendido. Então eu acho isso uma grande dificuldade também' (Diana).

Com relação às novas disposições organizacionais do SUS na cidade de São Paulo, que obteve a assinatura da gestão plena, a gerente revela a esperança que deve continuar orientando suas ações:

‘(...) teve a municipalização e ela ficou um pouco no limbo a gente não sabia como é que seria dentro da prefeitura. Agora tem o programa que está caminhando a passos lentos pelas outras questões prioritárias da prefeitura. Depois de oito anos realmente de des-administração, e pela mudança de visão, de distritalização e de tudo aquilo que a prefeitura quer fazer em pouquíssimo tempo, sobra pouca gente, espaço e recursos para o programa de homeopatia, mas eu acho que ele vai deslanchar’.  
(Diana)

Assim, estabelece-se a semelhança com a experiência de Belo Horizonte descrita por Soares (2000), onde a implantação do programa nos DS dependeu da vontade política dos diretores e dos gerentes que resolveram assumí-lo, inclusive abrindo mão da contratação de outros profissionais.

Nas entrevistas das gestoras e gerente parece evidenciar-se como uma dificuldade, a questão da divulgação e do transporte, dos medicamentos homeopáticos produzidos pela farmácia para os locais de atendimento.

‘(...) a unidade mandava por Fax, por exemplo, a relação de medicamentos que ela queria , a farmácia manipulava e depois alguém, às vezes nosso carro de farmácia alopática, (do Dose Certa), é que levava de uma unidade para outra (...)’ (Minerva)

## 11 – A percepção dos médicos a respeito da contribuição da farmácia ao atendimento homeopático

O anonimato também foi mantido na identificação dos médicos entrevistados. Assim, seus nomes são fictícios e não houve necessidade de coletar suas idades.

Os médicos, nos seus contatos diretos com a população e seus problemas não só de saúde, mas também os de ordem financeira, influenciando no cumprimento do tratamento com medicamentos homeopáticos, parecem estar atentos para a questão da obtenção dos medicamentos, pelos pacientes, tomando mesmo a iniciativa de contatarem as farmácias, para os descontos e possibilidade de gratuidade para os mais necessitados:

‘(...) aqui na região nós temos três farmácias (X, Y e Z) e são todas aqui próximo. (...) Quanto a isso, a gente aqui tem uma boa relação, já tive até contato, já veio um farmacêutico conversar comigo, um outro já conversou por telefone, então a gente tem uma boa relação neste aspecto. Eu posso dizer que tenho uma boa confiabilidade porque o resultado está sendo satisfatório. (...) Eu deixo livre, eles (os pacientes) são livres para isso. Isso desde o começo. Recentemente nós estamos recebendo de uma farmácia pública do Estado. E assim eu estou tendo a guarda do medicamento no consultório. Tive o cuidado de ocluir o armário e estou recebendo apenas em glóbulos e CH6 e temos isso daqui para

um início de tratamento e que isso foi importante. Para mim está sendo importante porque por mais que a gente pense que o custo é baixo, mas a nossa realidade da população, é uma população que prefere vir a pé pra não gastar com condução, porque isso já faz parte do orçamento. Mas mesmo assim, as dosagens seguintes, eles estão providenciando. (...) agora que a gente tá entregando (os medicamentos), eles dizem assim: 'Ah, sim, agora tá melhor, porque a gente até nem sempre tem o dinheiro no momento'. Porque não é só entregar para o início do tratamento, mas também nas intercorrências, faço também doses repetidas que são os quadros agudos' (Dra. Helena).

Numa outra região da cidade num posto recém municipalizado, com aproximadamente seis mil prontuários de pacientes atendidos com homeopatia, a médica (Dra. Clarissa) assim descreve a situação pertinente a obtenção dos medicamentos homeopáticos:

'Nestes 12 anos a gente já teve momentos em que o ERSA disponibilizava uma verba. A gente fazia levantamento de preço em três farmácias e a gente comprava (...) daquela que (...) fazia meio vidro, pra gente não gastar remédio. A gente comprava meio vidro.(...) A gente conhecia a farmácia, tinha facilidade de ser próximo ao (CS...). Às vezes a gente não tinha ali, mandava uma cartinha e as (proprietárias da farmácia homeopática do bairro), elas faziam (com) todo o amor e davam para o

paciente, nem tinha custo pra gente, pro serviço público. Era assim, quase uma certa doação das (proprietárias da farmácia). Bom, a gente comprou um certo período até que acabou essa verba, a gente ficou sem nada e o paciente teve que comprar. Alguns (pacientes) a gente mandava cartinha (para a farmácia do bairro) pra ver se fazia de graça porque a gente via que (o paciente) não ia tomar e depois com o passar do tempo a gente começou a pedir que o paciente trouxesse o remédio que ele comprou, (para constituir o estoque) e a gente tinha até um mês atrás. Estava lotado de medicamento. Bem, tem alguns vieses: será que ele conservou adequadamente, será que ele não contaminou, mas 'em terra de rei quem tem um olho é rei'. Era o que a gente tinha. Então (era) assim, se o meu paciente pode comprar, eu não dou. Se ele não pode comprar eu dou. Porque senão ele volta com a crise daqui 2,3 meses dizendo que não tomou. Então a gente se submeteu a isso. E a gente vinha fazendo isso' (Dra. Clarissa).

Como tomou conhecimento da existência da farmácia:

'Agora depois desta reunião (Encontro de 27/6, no Instituto de Saúde), que a gente teve, eu encontrei a Diana, ela se propôs, porque eu não sabia dessa possibilidade e a gente conseguiu esse acesso. Chegou agora, a semana passada. A nossa enfermeira foi buscar lá, com ela' (Dra. Clarissa).

A respeito de estar o paciente satisfeito com a forma de obter os medicamentos homeopáticos que necessita, expressou-se da seguinte forma:

‘Antigamente, quando ele tinha que comprar, acho que não. Acho que ele gostaria de ter no serviço público, como são disponibilizados os outros (medicamentos), mas eles nem tão sabendo. Acho que é nestes últimos três dias que a gente está falando, porque primeiro eu preciso ter um controle. (...) Então eu acho que vai ser muito melhor pra eles considerando que a gente tem uma clientela debaixo poder aquisitivo. Muitos têm dificuldades, mas eles compram porque têm a percepção da evolução do tratamento do paciente, que é muito melhor que comprar antibióticos, comprar medicamentos ou até o estresse que eles passam do filho adoecer tanto, então eles preferem comprar, mas alguns a gente vê que não compram logo’ (Dra. Clarissa).

## Capítulo VI – Discussão

O que foi mostrado até agora, é que a questão do atendimento homeopático é tida como simples e que sua aceitabilidade tem fluído com leveza, pelas instâncias do SUS/SP, como se depreende das entrevistas com médicos e gestores.

O estudo também parece tornar evidente, que a farmácia homeopática da DIR I é compatível com o tamanho da rede pública de saúde, do município de São Paulo. A tabela 02 mostrou que seu atendimento abrangeu unidades de saúde localizadas desde o centro até a periferia da cidade, e que a população que se utiliza desses equipamentos é tanto jovem quanto idosa, como se constata observando as idades dos usuários entrevistados.

A regularidade de seis pedidos no período estudado, numa freqüência de um pedido a cada dois meses, das solicitações do PAM Várzea do Carmo, que há tempos possui médicos homeopatas atendendo, farmacêutico desenvolvendo ações pertinentes ao armazenamento, controle e dispensação de medicamentos homeopáticos, parece ser sugestiva de que os médicos homeopatas identificaram os serviços da farmácia como de confiança quanto a qualidade dos medicamentos. Esta questão foi ressaltada como importante nas entrevistas de médicos e usuários.

Nesse PAM e mesmo no PAM Lapa, que fez apenas duas solicitações, o número de frascos, constante dos pedidos de medicamentos foi bem menor, se comparadas com as solicitadas pelas unidades de saúde do município, o que pode ser verificado nas tabelas 03 e 03a.

Os profissionais, destes serviços mais antigos, pertencentes a SES/SP como a farmácia, podem ter suposto que os serviços seriam abastecidos periodicamente, sem necessidade de manterem estoques maiores, como as unidades da SMS/SP.

As duas solicitações oriundas do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa Ibirapuera (COTP), da Secretaria Municipal de Esportes Lazer e Recreação (SEME), uma em junho de 2002 e outra em dezembro de 2002, parecem confirmar o reconhecimento da qualidade dos medicamentos produzidos pela farmácia e sua contribuição para o atendimento.

As solicitações de medicamentos de potências mais baixas, como CH 03 e CH 06 para este Centro Olímpico, podem-se explicar pelo fato, de que tanto os médicos homeopatas, quanto os alopatas, usam medicamentos homeopáticos em potências baixas, para casos agudos, como entorses e contusões, comuns na prática esportiva; ou para superação de sintomas que impedem ou dificultam essa prática, como os males do sistema respiratório (Subotinick, 2001). Estas solicitações incluíram outros medicamentos como pomadas, cremes, tinturas, colírio e 'xaropes caseiros', ou seja, produtos fitoterápicos, que são geralmente preferidos pelos homeopatas, em detrimento dos alopáticos, quando necessitam medicamentos de uso tópico.

Estes medicamentos também são utilizados na medicina esportiva mesmo por médicos alopatas, com as mesmas finalidades apontadas para as baixas dinamizações anteriormente. Provavelmente porque não possuem efeitos indesejáveis, ao lado do alívio do desconforto, como relatado na apresentação deste trabalho, a respeito das doenças medicamentosas descritas por Hahnemann (1995).

As solicitações de medicamentos homeopáticos orientaram-se pela relação elaborada pelos médicos homeopatas do serviço público, em função de sua prática profissional e integrante da Deliberação 81/89 da CIS/SP. A relação é constituída de 82 itens que podem ser fornecidos nas potências: CH6, CH12, CH30, CH100 e CH200, e, mais três itens que devem ser utilizados apenas na potência CH30.

A preferência dos médicos solicitantes por uma potência, em maior número do que outra, pela escala centesimal (CH) ou pela cinqüenta milésimal (LM),

pode servir de referência para estudos de perfil de prescrição, orientar o planejamento da produção futura desta farmácia e de outras assemelhadas que venha existir.

Os frascos vazios ou com veículo, no caso, solução hidro-alcoólica a 30%, que são usados para o fracionamento necessário na constituição das doses únicas, ou das doses repetidas, podem indicar as diferentes formas de atendimento homeopático existentes na rede, servindo de orientação no estabelecimento de protocolos de atendimento.

As quantidades solicitadas, bem distintas nas diferentes instituições, evidenciam que o atendimento homeopático está mais difundido nas unidades básicas de saúde, que com a assinatura do termo de gestão plena da atenção básica, pela SMS/SP, passaram a ser de responsabilidade do município.

A abrangência do atendimento da farmácia homeopática da DIR I, junto aos equipamentos do SUS/SP e extra-SUS, assim como as diferentes quantidades das distintas potências em que foram solicitados os medicamentos, possibilita avaliações dessas demandas e dos perfis de consumo; úteis a planejamento futuro do SUS/cidade de São Paulo e da própria farmácia, ou como referência para implementação de outras experiências semelhantes.

Nos documentos pesquisados foi possível identificar a insistência da apresentação da proposta para implantação de uma farmácia homeopática, e parece que o processo decisório, deu-se pela confiança das gestoras no trabalho da proponente, com uma história de participação nesta área. Também parece ter tido influência nesta decisão, o fato de ter havido um concurso para médicos homeopatas na DIR I, com a designação de um deles, para a unidade onde se propunha a instalação da farmácia.

As entrevistas dos médicos homeopatas e usuários ao SUS/SP, confirmaram a assertiva, de que o atendimento homeopático ocorre há tempos na rede do SUS/ cidade de São Paulo, em distintas regiões: Dra. Helena, há 12

anos atendendo na zona leste; Dra. Clarissa, na zona sul atendendo desde 1986; o Dr. Quincas atendendo desde 1994, na zona oeste; a usuária Magdala da zona sul, que trata tem nove anos, sua filha de quinze anos e a ela própria há seis anos; os usuários Pedro e Ana que se tratam na zona oeste, há nove e seis anos respectivamente, e a usuária Raquel da zona leste, que se trata tem 15 anos.

A qualidade dos medicamentos homeopáticos merece a atenção de médicos e usuários como foi possível observar nas suas entrevistas:

Parece que uma farmácia de natureza pública, não sujeito à competitividade do comércio, não necessitando investimento em sua promoção, funcionando sob responsabilidade de profissionais comprometidos com essa prática, pode se constituir no local ideal para a obtenção de medicamentos homeopáticos com qualidade. Esta questão está presente também entre os participantes da I Conferência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2002), como se depreende das suas recomendações:

‘A ANVISA deve manifestar-se a respeito e regulamentar as práticas de saúde não convencionais, como a acupuntura, a cromoterapia, a terapia floral e outras, ditas alternativas, e que seja permitido o uso de terapias naturais e autóctones, de forma democrática, universal e igualitária’ (ANVISA, 2002; p. 69).

Também a ANVISA, através da RDC 139/2003 (Anvisa, 2003), dispõe sobre os critérios necessários para assegurar a qualidade dos medicamentos homeopáticos. Depreende-se pelo exposto no capítulo I, que a estes critérios

devem-se agregar os relacionados ao desempenho profissional responsável e comprometido para garantir a execução dos critérios estabelecidos.

As entrevistas com as gestoras e gerente, na maioria das vezes, evidenciaram a ação que desenvolveram para efetivar o projeto, e raramente apontaram as dificuldades encontradas. Parece que mesmo longe do ocorrido, anos após, não se desvincularam da responsabilidade do cargo que ocupavam à época, quanto a resolutividade que foi colocada no seu âmbito de trabalho.

Nas entrevistas aos usuários, esperava-se que alguns soubessem da existência da farmácia objeto deste estudo, mas a informação não havia ainda chegado aos entrevistados. Vários devem ter sido os motivos da demora da divulgação do serviço junto aos usuários, mas pode-se conjecturar como um deles, a débil participação popular que ainda é observada no controle dos serviços. (Bogus, 1998).

A farmácia que pertence à SES/SP atendeu a demanda dos equipamentos sob gestão da SES e daqueles sob a administração do município, com todo jeito de serviço integrado ao SUS, ou seja, é um equipamento da SES/SP atendendo as unidades de saúde sob gestão da SMS/SP, em consonância com os aspectos de universalização, hierarquização e resolutividade do SUS.

Essa farmácia, com todo jeito de SUS, de fato é um equipamento integrado nos serviços, funcionando de acordo com as características do SUS, ou seja, atende a todos, de maneira integral, descentralizada, racional, eficiente e eficaz democrática e, equânime. Necessitando ter seu financiamento assegurado de forma oficial, para a garantia de sua continuidade.

Essa preocupação espelha-se nos relatos de médicos homeopatas que atendem há muito tempo na rede e já presenciaram desmonte semelhante como observado na entrevista da Dra. Lucíola. E também na experiência da cidade de Brumadinho na grande Belo Horizonte, em que a farmácia foi desmantelada junto com o atendimento homeopático existente na unidade de

saúde, porque ‘uma nova gestão assumiu o controle da localidade e, como se temia mudaram-se as prioridades políticas em Brumadinho. O projeto de implantação foi abandonado e sucateado’ (Froede, 1999; p 36).

Por outro lado, temos o exemplo da farmácia homeopática da Secretaria Municipal de Porto Alegre, instalada numa sala do Centro de Saúde 02 (Modelo), com atendimento muito semelhante ao A. E. Pinheiros, pelas especialidades que apresenta e funcionando desde dezembro de 1991, possui atendimento médico homeopático realizado por oito médicos desde início de 1989, (Kummell, 2000) reafirma a necessidade da manipulação dos medicamentos homeopáticos dentro do SUS.

A atenção farmacêutica, praticada no momento da dispensação do medicamento, pode contribuir significativamente na elucidação de confusões a respeito das práticas alternativas.

Confusões tais como a falsa imagem da terapêutica homeopática, decorrente de sua prática simultânea a outros métodos terapêuticos, que prescrevem fórmulas magistrais para emagrecimento, combinando substâncias alopáticas (anfetaminas, ansiolíticos, hormônios, fitoterápicos) e homeopáticas.

Ou como a provocada pela existência de estabelecimentos farmacêuticos, que possuem para venda, tanto medicamentos homeopáticos quanto alopáticos e fitoterápicos, aliadas à propaganda desses produtos, nem sempre esclarecedora a respeito de suas diferenças, ambas, já descrita por Mendicelli (1994) e que continuam atuais.

Considerando ser o primeiro ano de funcionamento da farmácia, o processo de municipalização em curso, mas ainda não efetivado na prática e o fato do atendimento homeopático não ser oficial, parece que o volume atendido pela farmácia foi bastante significativo, especialmente considerando que atingiu todas as regiões da cidade: Norte, Sul, Leste, Oeste e Centro.

Os usuários, médicos e gestores entrevistados, referiram-se todos, à questão de custo de medicamentos, verba ou insumo gratuito que existe e depois acaba, ou deixa de existir, oferecendo um retrato da dinâmica institucional quanto a recursos financeiros.

A questão parece ser fruto da instabilidade do orçamento da saúde, e talvez por isso mesmo, este estudo não a deixou ao largo, apontando uma estimativa animadora, para economia com a aquisição de medicamentos.

## Capítulo VII – Considerações Finais

Considerando que esta farmácia fabrica os medicamentos homeopáticos com qualidade; atendendo a demanda atual da rede pública de saúde do município; que eles são insumos indispensáveis ao tratamento de quem utiliza a terapêutica homeopática; com alta resolutividade, uma vez que são de baixo custo e recuperam a saúde sem seqüelas, ou eventos adversos, como foi visto no Capítulo I; faz-se necessário que os gestores e gerentes atuais e futuros, reconheçam a importância da existência dessa farmácia, para parcela significativa dos usuários do SUS-SP e, empenhem-se para que ela continue possibilitando o acesso aos medicamentos, a todos que deles necessitem.

Deve-se também considerar, na efetiva adoção da assistência médica homeopática pelo SUS, a economia estimada com a produção pela farmácia, tanto na situação de aquisição de matrizes, quanto na de aquisição, de medicamento pronto, em farmácia de natureza privada.

Sucintamente, pode-se afirmar que este estudo mostrou:

1. A farmácia homeopática da DIR I teve sua produção reconhecida entre os médicos homeopatas que atendem nos equipamentos de saúde do SUS – cidade de São Paulo que a ela recorreram com suas solicitações de caixas de medicamentos ou para ela encaminharam seus pacientes para o aviamento das prescrições homeopáticas.
2. O serviço da farmácia foi utilizado como apoio à pesquisa clínica homeopática em desenvolvimento no Ambulatório de Especialidades de Pinheiros com usuários de terceira idade, portadores de doenças crônicas. Esta pesquisa contou com pesquisadores auxiliares, que são médicos estudantes de homeopatia da Escola Paulista de Homeopatia, sob supervisão do pesquisador principal professor da referida escola.

3. A abrangência do atendimento da farmácia, ou seja, seu alcance junto aos Distritos Sanitários e seus equipamentos na malha da capital, sendo representativo.

A importância deste estudo pode-se compreender por que:

1. O estudo sendo o momento zero de existência da farmácia, representa uma possibilidade real de acompanhamento da efetivação de um serviço e sua penetração na estrutura organizacional do sistema de saúde.
2. O estudo se constitui num olhar demorado sobre uma área pouco estudada nos serviços públicos de saúde, ou seja, a da produção própria de medicamentos eficazes e com qualidade a baixo custo para atendimento da maioria da população que optar por este tipo de terapêutica no tratamento dos agravos a sua saúde.
3. Pertencendo a farmácia à DIR I e produzindo para o município, foi necessário o estabelecimento de um fluxo de atendimento o que representa uma possibilidade de integração efetiva de um serviço estadual com a rede municipal de saúde, uma vez que a farmácia pertence à DIR I/SES e as unidades de saúde na sua maioria estão sob gestão da SMS/SP.

Este estudo tem seus limites:

1. Por se ater aos aspectos intramuros da produção da farmácia, não foi possível saber a real utilização pelo usuário, dos medicamentos por ela produzidos. Assim não foi possível identificar se a produção ocorrida no período foi a mais adequada ao perfil dos usuários atendidos.
2. Os médicos fizeram as solicitações de medicamentos a partir da lista padronizada e só o seu uso ao longo do tempo confirmará sua adequação ou não ao perfil dos usuários da rede pública de saúde atualmente.

Ainda é possível fazer reflexões a respeito de suas possibilidades de desdobramento como:

1. Tendo sido um estudo feito no início da efetivação da farmácia, seus dados poderão comparativos com sua própria produção ao longo do tempo e com outros assemelhados.
2. A evolução da organização dos serviços de atendimento homeopático na rede pública de saúde da cidade de São Paulo, dada sua dimensão, poderá evidenciar a necessidade da farmácia tornar-se um laboratório farmacêutico homeopático e distribuir matrizes homeopáticas para farmácias nas regiões da cidade que coordenariam descentralizadamente esta oferta e utilização dos medicamentos homeopáticos.
3. A experiência da efetivação da farmácia, sua consolidação e adequações ao longo do tempo merecem estudo detalhado para servir de parâmetro para outras iniciativas semelhantes.
4. A implantação desta farmácia pode constituir-se base para expansão do atendimento homeopático, uma vez equacionada a oferta do insumo medicamento.

Um outro aspecto da questão da homeopatia, que tem a ver com os medicamentos e que merece atenção dos profissionais de saúde e dos usuários é a questão da retaguarda necessária às emergências. Um exemplo disso tem-se na entrevista da usuária Magdala, a respeito das crises que sofria sua filha:

‘Uma vez perguntei na recepção: ‘quando acontecer alguma coisa entre as consultas o que faço?’ E a resposta foi (que era) para levar no P. S. Aí eu pensei: tô fazendo tratamento com homeopatia, levo no PS, vão dar os remédios alopáticos, não tá certo! E aí eu perguntei para o Dr. M. e ele disse: ‘não,

venha aqui!'. Isso é muito interesse da pessoa'  
(Magdala, 46 anos).

A iniciativa da SMS/SP conforme o depoimento da gestora Ceres, em trabalhar com a colaboração de entidades homeopáticas da cidade de São Paulo, pode resolver parte desta questão, uma vez que existem Pronto-Socorros homeopáticos já em funcionamento, pertencentes a estas entidades.

Enfim, pode-se estabelecer uma analogia do 'fazer' da farmácia homeopática da DIR I com os dizeres de um dos usuários: 'Como é a primeira vez que faço tratamento homeopático, não tenho muito conhecimento a respeito. Só daqui uns tempos eu vou tá bom prá explicar' (Saulo, 67).

Também se perceber que os desejos da gerente da farmácia estão concretizados:

'(...) o que eu gostaria de contar é a inserção do atendimento de homeopatia dentro da saúde pública, como se deu, e como ela continua, na tentativa de ser legitimada dentro da história da saúde pública do estado de São Paulo' (Diana),

Esta farmácia, que viabiliza um aspecto importante do atendimento homeopático, foi legitimada pela procura que teve e passou a fazer parte da história da saúde pública no SUS/SP.

## Referências Bibliográficas

Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas. Manual de Normas Técnicas para Farmácia Homeopática. Rio de Janeiro;1992.

Aulas, J J, Royer, J F, Bardelay, G. L'omeopatia nel mondo. In L'omeopatia (de La Revue Prescrire) dossier marzo 1989. Edizione a cura Del Servizio di Informazione e Documentazione Scientifica delle Farmacie Comunali Riunite azienda municipalizzata di Reggio Emilia.

Barros, NF. Medicina Complementar: uma reflexão sobre o outro lado da prática médica. São Paulo: Annablume-FAPESP; 2000.

Berardo, F e Moreira Neto, G. Proposta para implantação de atendimento homeopático na rede pública. Revista de Homeopatia 1995; 60 (2). São Paulo.

Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) [www.bireme.com](http://www.bireme.com) base de dados HomeoIndex, acessada em 18/01/2004.

Boericke G. Compêndio de Princípios da Homeopatia para estudantes de medicina. São Paulo: Editorial Homeopática Brasileira da Associação Paulista de Homeopatia; 1967.

Bonamin, L V. A homeopatia sob a ótica dos novos paradigmas da ciência: Revisão bibliográfica. Rev. de Homeopatia 2001; 66:27-32.

Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil. Edição atualizada em março de 1998. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal; 1998.

Brasil. Ministério da Previdência e Assistência Social / Ministério da Saúde / Ministério do Trabalho / Ministério da Educação. Resolução CIPLAN no. 04, de 08.03.88, implanta a prática homeopática nos serviços públicos de saúde. Diário Oficial da União, Brasília, 11 mar.1988.

Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Medicamentos. 1999; Brasília.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Vigilância Sanitária Portaria no. 344, de 15.05.98. Dispõe sobre as boas práticas de manipulação em farmácias. Diário Oficial da União, Brasília, no. 91-E, Seção 1, p. 3–27.

Capellà, D, Laporte J-R. Métodos empregados em estudos de utilização de medicamentos. In Laporte JR, Tognoni G, Rozenfeld S: Epidemiologia do Medicamento Princípios Gerais. São Paulo: Hucitec/Abrasco; 1989. p. 95 - 114 .

César, A T. O medicamento homeopático nos serviços de saúde. Revista de Homeopatia. 2001; 66:33-50.

Conselho Federal de Farmácia. Congresso Brasileiro de Farmácia In Rev. Pharmacia Brasileira 2003; (38). [www.cff.org.br](http://www.cff.org.br)

Conselho Federal de Farmácia. Resolução no. 357/2001 D.O.U. 27/04/01 Seção 1 p 24-31. In Revista Pharmacia Brasileira 2001; 38:5 -12.

Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. XIII Congresso Paulista de Farmacêuticos, V Seminário Internacional de Farmacêuticos e EXPOPFAR 2003, São Paulo; 17 a 20 de maio de 2003. (encarte do Congresso)

Cotta B. Homeopatia em ação pelo semelhante. In Natalini G (org) Dia das Medicinas não Convencionais. São Paulo: Escola Paulista de Homeopatia e; 2002. p.28.

Enciclopédia Mirador Internacional volume 3. São Paulo-Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britânica do Brasil Publicações Ltda.; 1990.

European American Coalition on Homeopathy (E.A.C.H.). Homeotherapy definitions and Therapeutic Schools. Germany: Editions Médico-Pharmaceutiques; 1997.

Franco, T B. O que diz a NOB/96 In Jornal do Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde (CONASEMS) Ano V edição especial dezembro 2002. p 5. [www.conasems.com.br](http://www.conasems.com.br)

Fundação IBGE. Estatísticas de Saúde: Assistência Médico-Sanitária de 1999. Rio de Janeiro; 2000.

Frode, C. A homeopatia no serviço de saúde pública de Brumadinho. Rev. de Homeopatia 2001; 66:33-38. São Paulo.

Galhardo, J E R. História da homeopatia no Brasil. In 1º. Congresso Brasileiro de Homeopatia. Rio de Janeiro; Editora do Instituto Hahnemanniano do Brasil, 1928.

Galvão Nogueira, GW, Rímoli MFA, Turci MAB, Guilherme SD, Mollo SA, Barnabé VD. Doutrina Médica Homeopática. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo “Benoit Mure”; 1986.

Garbi, S M. O medicamento homeopático. In Barolo, CR. Aos que se tratam pela homeopatia. 8<sup>a</sup> ed. Robe. São Paulo: Editora; 1996. p. - .

Gould J. & Kold, W L.(ed). A dictionary of the social sciences. London, Tavistock, 1964.

Hahnemann, S C. Organon da Arte de Curar. 2<sup>a</sup>. ed. brasileira trad. da 6<sup>a</sup>. ed. alemã São Paulo: Grupo de estudos homeopáticos de São Paulo ‘Benoit Mure’; 1995.

Kleijnen, J. Knipschild, P. Riet. G T. Clinical trials of homeopathy. Rev. Homeopatia 1991; 56 (1/4): 16-25; São Paulo.

Kümmel, L M S. Assistência farmacêutica em homeopatia no Sistema Único de Saúde. Rev. Pharmácia Brasileira 2001; 28: 18-19.

Lanz, R. Noções Básicas de Antroposofia. 3<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Editora Antroposófica; 1990.

Lanza, O. Tercer mundo y el acceso a medicamentos esenciales. In Fármacos 1999; 2:3-4.

Lopes, M. Homeopatia, racionalidade médica: institucionalização e eficiência. In News Letter – APH XXV Jornada Paulista de Homeopatia. São Paulo: Escola Paulista de Homeopatia; 2003. p.2.

Luz, H S. Projeto Racionalidades médicas: medicina homeopática. Série Estudos em Saúde Coletiva no. 64. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social da UERJ; 1993.

Luz, M T. A afirmação de uma racionalidade médica específica. Revista de Homeopatia.1996a; 61: 13 - 17 .

Luz, M T. A arte de curar *versus* a ciência das doenças - História social da homeopatia no Brasil. São Paulo: Editora Dynamis Ltda; 1996.

Luz, M T. Comparação de representações de corpo, saúde, doença e tratamento em pacientes e terapeutas de Homeopatia, acupuntura e biomedicina. Série Estudos em Saúde Coletiva no. 167. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social da UERJ; 1998.

Luz, M T. Histórico político-institucional da homeopatia no Brasil (Séc XIX): A implantação. In Luz, M T (org). Textos de Apoio – A questão da homeopatia. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (ABRASCO) e Programa de Educação Continuada da Escola Nacional de Saúde ública (PEC/ENSP); 1987.

Luz, M T. Homeopatia, racionalidade médica: institucionalização e eficiência. In News Letter – APH XXV Jornada Paulista de Homeopatia. São Paulo: Escola Paulista de Homeopatia; 2003. p.1.

Luz, M T. Uma visão sociológica da saúde. Rev. Cultura Homeopática 2003a; (4): 6-8.

Machado-dos-Santos, S C. A política de fármacos eleva a política de saúde. In Negri B e Viana AL, (org). O Sistema Único de Saúde em dez anos de

desafio. São Paulo: Sociedade Brasileira de Vigilância de Medicamentos (Sobravime) e Centro de Estudos Augusto Leopoldo Ayrosa Galvão (Cealag); 2002. p. 353 - 390.

Marin N. Luzia, V L, Osório-de-Castro C G S, Machado-dos-Santos S (org). Assistência Farmacêutica para gerentes municipais. Rio de Janeiro: OPAS/OMS, 2003. p 115 - 132.

Mendicelli V L S L. Homeopatia: percepção e conduta de clientela de postos de saúde [Doutorado em Saúde Pública]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 1994.

Mercucci V L, Ansaldi SM, Nakamura K. O uso de Benzodiazepínicos nos serviços públicos de saúde de São Paulo. Anais do 1º. Congresso de Epidemiologia ABRASCO. Campinas. São Paulo; 1990. p.

Milanesi, F E. A farmácia antroposófica e o uso racional de medicamentos. In Bonfim, JRA e Mercucci, VL (orgs). A construção da Política de Medicamentos. São Paulo: Hucitec-Sobravime; 1997. p. 222 -228.

Moreira Neto, G. Homeopatia em Unidade Básica de Saúde (UBS) um espaço possível. Revista de Homeopatia. 2001; 66:5-26.

Novaes, R L. O tempo e a ordem. São Paulo: Cortez Editora-Abrasco; 1989.

Organización Mundial de la Salud. Promoción y desarrollo de la medicina tradicional. Série de Informes Técnicos, 622.Ginebra; 1978.

Organización Mundial de la Salud. Uso racional de los medicamentos. Informe de la Conferencia de Expertos. Nairobi, 25-29 de noviembre de 1985. Ginebra; OMS; 1986. p.276

Pascalichio A e Mercucci VL. Homeopatia e Saúde Pública: Um casamento possível? In Villela W, Kalckmann S e Pessoto UC (org). Investigar para o SUS: construindo linhas de pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde; 2002. p.135 –140.

Prado, M I A. Farmácia homeopática quer contribuir com o SUS. Revista Pharmacia Brasileira. 2001; 28: 10-12.

Programa de Estudos Avançados em Administração Hospitalar e de Sistemas de Saúde do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (PROAHSA). Boletim de Indicadores 1998; 6.

Pustiglione, M. Homeopatia & cuidados básicos da saúde. São Paulo: Dynamis Editorial; 1998.

Relatório Final da 11<sup>a</sup>. CNS. Brasília, Brasil: Ministério da Saúde; 2000.

Relatório Final da 8<sup>a</sup> CNS, 1986 Mar.17-21; Brasília, Brasil: Ministério da Saúde; 1986.

Relatório Final da Conferência Nacional de Saúde do Consumidor; 1986 Ago. 04-08; Brasília, Brasil: Ministério da Saúde; 1986a.

Relatório Final da I Conferência Nacional de Vigilância Sanitária; 2001 Nov. 26-30; Brasília, Brasil: Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA); 2002.

Rosen, G. A evolução da Medicina Social. In Nunes, E D (org) Medicina Social aspectos históricos e teóricos. São Paulo: Global; 1983.

São Paulo (Estado). Secretaria de Estado da Saúde. Deliberação CIS no. 81 de 29 nov. 1989. Aprova as Diretrizes Gerais para o Atendimento em Homeopatia. Diário Oficial do Estado de São Paulo de 29 nov. 1989. p.23.

Schraiber, L B. Medicina Tecnológica e Prática Profissional Contemporânea: novos desafios, outros dilemas. [Tese de livre docência]. São Paulo; Universidade de São Paulo; 1997.

Secretaria Municipal de Saúde (SMS). Comunicado da Comissão de Padronização de Medicamentos da ARS 10 de 28 de junho de 1995. Comunica a padronização de medicamentos homeopáticos para o atendimento na região. D.O.M. São Paulo, 40 (120), 28/06/1995 p.34.

Secretaria Municipal de Saúde (SMS). Edital de abertura de inscrições e instruções especiais. D.O.M. São Paulo, 46 (182), 27/09/2001 p. 33.

Soares S M. Práticas Terapêuticas Não-Alopáticas no serviço Público de Saúde: Caminhos e Descaminhos. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2000.

Subotnick, S. Homeopathy for sports and exercise injuries. Rev. Homeopathy Today 2001; 21 (2) American Institute of Homeopathy. [www.homeopathyusa.org](http://www.homeopathyusa.org).

Temporão J G. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro; Graal, 1986.

Ullmann D. The consumer's guide to homeopathy. New York: Tarcher Putnam: 1995. In Cesar AT. O medicamento homeopático nos serviços de saúde. Revista de Homeopatia. 2001; 66:33-50.

Unio Homoepathica Bélgica. Eficácia-rentabilidad de los tratamientos homeopáticos. Revista Homeopática 1992; 8:31-43. Asociación Médica Homeopata Argentina.

Velásquez, G. Farmacoeconomia: evaluación científica o estrategia comercial? In Bermudez JAZ, Bonfim JRA, (org). Medicamentos e a Reforma do Setor Saúde. São Paulo: Hucitec-Sobravime; 1999. p. 21-28.

Vilaça, E M. O processo social de distritalização da saúde. In Vilaça EM, coordenador. Distrito Sanitário: O processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco; 1993.

## **Anexo A - Roteiro integrante da dissertação de mestrado**

'A Implantação da Farmácia Homeopática da DIR I SES/SP'

Entrevista com usuários dos serviços

Apresentação: Bom dia! Boa tarde!

Estou fazendo um estudo a respeito do atendimento em homeopatia nos serviços públicos de saúde. Já entrevistei alguns funcionários e médicos homeopatas e outros usuários. Foi seu médico que me indicou o (a) senhor (a) para conversar um pouco sobre a Homeopatia no serviço público de saúde.

A sua colaboração é muito importante, dando seu depoimento, com toda franqueza, pois poderá contribuir com este tipo de atendimento.

Fique certo de que a nossa conversa é confidencial. O que o senhor (a) disser, ficará entre nós, o anonimato será mantido, mesmo quando eu citar no meu trabalho alguma coisa que o senhor (a) tenha dito.

Para facilitar o meu trabalho, gostaria de gravar nossa conversa, o (a) senhor (a) permite?

1. Há quanto tempo o (a) senhor (a) começou a se tratar com homeopatia?
2. Como o (a) senhor (a) ficou sabendo que havia atendimento com homeopatia nesta unidade de saúde?
3. Quando o (a) senhor (a) veio para esta unidade, estava procurando pelo atendimento homeopático ou por outra especialidade?
4. É isso mesmo que o (a) senhor (a) quer como tratamento?
5. Como o (a) senhor (a) consegue os medicamentos homeopáticos que o doutor receita? Sempre foi assim?
6. Tem alguma coisa que o (a) senhor (a) gostaria de dizer a respeito/ alguma sugestão?

Muito obrigado pela sua atenção e colaboração. Sua entrevista será aproveitada numa dissertação de mestrado.

## **Anexo B - Roteiro integrante da dissertação de mestrado:**

‘A Implantação da Farmácia Homeopática da DIR I SES/SP’.

Entrevista com médicos

Apresentação: Bom dia! Boa Tarde!

Eu sou a Vera, que lhe telefonou para solicitar uma contribuição, na forma de entrevista, para minha dissertação de mestrado a respeito do atendimento com homeopatia nos serviços públicos de saúde.

Como eu lhe disse ao telefone, soube de seu atendimento aqui na unidade por intermédio do (formulário de medicamentos da Farmácia Homeopática de Pinheiros) ou (levantamento que foi feito pelo COGEST no ano passado) ou fulano (a) me disse que você atende aqui com Homeopatia.

Estou fazendo mestrado no Instituto de Saúde e o tema da minha dissertação é a Implantação da Farmácia Homeopática da DIR I, inaugurada em maio de 2001, e, ao mesmo tempo resgatar um pouco da história da Homeopatia nos serviços públicos de saúde da cidade de São Paulo, para contextualizar o aparecimento desta Farmácia. Posso gravar seu depoimento?

1. Como você começou a trabalhar com homeopatia no serviço público de saúde?
2. Como tem sido atender com homeopatia no serviço público de saúde?
3. De que forma os pacientes obtêm seus medicamentos homeopáticos?
4. Você acha que os pacientes estão satisfeitos com esta forma de obter os medicamentos homeopáticos que eles necessitam?
5. Você gostaria de dizer alguma outra coisa?

Finalmente, gostaria que você me indicasse um de seus mais antigos pacientes daqui e outro mais recente, para que eu pudesse contatar e solicitar também os depoimentos deles, com o enfoque do usuário. É possível?

Caso você tenha interesse, posso mandar uma cópia de sua entrevista gravada em disquete. Muito obrigado pela sua atenção e colaboração.

## **Anexo C – Roteiro integrante da dissertação de mestrado:**

'A Implantação da Farmácia Homeopática da DIR I SES/SP'

Entrevista com gestores ou gerentes do SUS

Apresentação: Bom dia! Boa Tarde!

Eu sou a Vera, que lhe telefonou para solicitar uma contribuição, na forma de entrevista, com minha dissertação de mestrado a respeito do atendimento com homeopatia nos serviços públicos de saúde.

Estou fazendo mestrado no Instituto de Saúde e o tema da minha dissertação é a Implantação da Farmácia Homeopática da DIR I, inaugurada em maio de 2001, e quero resgatar um pouco da história da Homeopatia nos serviços públicos de saúde da cidade de São Paulo, para contextualizar o aparecimento desta Farmácia. Você teve participação na implantação desta farmácia ou esteve influenciando o atendimento com Homeopatia nos serviços públicos de saúde na década de 80, pela assessoria que prestava como gestor ou representante de instância de decisão na SES ou na SMS, e, é por isso que lhe peço esta contribuição. Eu posso gravar seu depoimento?

1. O que você gostaria de me contar a respeito da história da Homeopatia nos serviços públicos de saúde da cidade de São Paulo?
2. Qual foi sua participação na iniciativa de implantação desta prática nos serviços públicos de saúde na década de 80?
3. Qual é sua avaliação a respeito daquela iniciativa?
4. Como você percebe o momento atual para esta questão? (ou) E hoje como você vê/sente esta questão?
5. Você gostaria de dizer alguma outra?

Caso você tenha interesse, posso mandar uma cópia de sua entrevista gravada em disquete. Muito obrigado pela sua atenção e colaboração. Sua entrevista será aproveitada numa dissertação de mestrado. Quando estiver pronta e marcada a data para apresentação, avisarei o senhor.

## **Anexo D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Vera Lucia Mercucci, mestranda do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde quer estudar aspectos do atendimento com homeopatia nos serviços de saúde do município de São Paulo e para isso solicita sua contribuição a respeito, na forma de entrevista gravada.

A sua participação é voluntária e tem plena liberdade para interromper sua participação a qualquer momento. Poderá ouvir a gravação e solicitar que seja apagado o que você disser. Você pode e deve solicitar todas as explicações que quiser, antes de concordar em participar da entrevista.

A sua identificação será mantida em anonimato. Algumas frases suas, caso sejam utilizadas na pesquisa, não revelarão dados que possam lhe identificar.

A contribuição que este estudo pode trazer à população e aos gestores e gerentes do serviço público são os dados e as reflexões necessárias à implementação deste tipo de atendimento.

Em caso de dúvida posterior a este nosso encontro, você poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone 3731 4555 ou 9207 9120.

Local:..... De acordo : .....

Data: ..... / ..... /..... ( Assinatura do participante)

Eu, Vera Lucia Mercucci, comprometo-me a cumprir todas as assertivas deste Termo de Consentimento.

Local : ..... Data:../.../..... Assinatura :.....

## Anexo E

Documentos I, II e III – Propostas para a implantação

Documento IV – Ofício 191/2000

Documento V – Formulário para identificação dos médicos

Documento VI – Comunicado do COGEST

Documento VII – Plano de Trabalho da ONG

Documento VIII – Tabela de Preços das matrizes homeopáticas